

ASSOCIAÇÃO VITORIENSE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - AVEC
CENTRO UNIVERSITÁRIO FACOL - UNIFACOL
COORDENAÇÃO DO CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO -
BACHARELADO

ANA CAROLINA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

**HABITAR, ESTUDAR E CONVIVER:
ANTEPROJETO DE UMA HABITAÇÃO
ESTUDANTIL EM VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE**

VITORIA DE SANTO ANTÃO - PE
2021
ANA CAROLINA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

**HABITAR, ESTUDAR E CONVIVER:
ANTEPROJETO DE UMA HABITAÇÃO
ESTUDANTIL EM VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo do Centro Universitário Facol -
UNIFACOL, como requisito para obtenção
do título de bacharel em Arquitetura e
Urbanismo
Orientador: Ewerton Cavalcante

VITORIA DE SANTO ANTÃO - PE
2021

**ASSOCIAÇÃO
VITORIENSE DE EDUCAÇÃO
CIÊNCIA E CULTURA – AVEC
CENTRO UNIVERSITÁRIO FACOL –
UNIFACOL
COORDENAÇÃO DE TCC DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ATA DE DEFESA**

Nome do Acadêmico: Ana Carolina Oliveira do Nascimento

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: **Habitar, Estudar E Conviver:
Anteprojeto De Uma Habitação Estudantil Em Vitória De Santo Antão – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo do Centro Universitário FACOL -
UNIFACOL, como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientador: Ewerton Cavalcante

A Banca Examinadora composta pelos Professores abaixo, sob a Presidência do primeiro, submeteu o candidato à análise da Monografia em nível de Graduação e a julgou nos seguintes termos:

Professor: _____

Julgamento – Nota: _____ Assinatura: _____

Professor: _____

Julgamento – Nota: _____ Assinatura: _____

Professor: _____

Julgamento – Nota: _____ Assinatura: _____

Nota Final: _____. Situação do Acadêmico: _____. Data: ____/____/____

MENÇÃO GERAL:

_ Coordenador de TCC do Curso de _____:

Endereço: Rua do Estudante, nº 85 – Bairro Universitário.
CEP: 55612-650 - Vitória de Santo Antão – PE
Telefone: (81) 3114.1200

Dedico esta monografia a minha mãe Ana Cristina, que sempre demonstra não só em palavras, mas em gestos que o seu amor para comigo é imenso e que sempre estará ao meu lado para me apoiar e acolher incondicionalmente em todas as situações da minha vida. Ao meu filho Gael que em poucos meses de vida me ensina que preciso ser valente e focada nos meus objetivos bem mais que antes e que em meio ao caos da vida ele se tornou o melhor presente planejado por Deus para mim.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a minha mãe Ana Cristina por ter me apoiado durante todo o período acadêmico e nos momentos de dificuldades me mostrar que sou capaz e que no final tudo ficaria bem. Quero também frisar todo o seu amor, cuidado e proteção para com o meu filho Gael e assim me fortalecendo para que eu possa seguir com firmeza e foco nos meus objetivos, independente das circunstâncias. Sou grata à Deus por ser você a minha mãe, exemplo para mim de mulher inteligente, guerreira e honesta.

Jamais esqueceria de agradecer a minha tia do coração Raissa de Deus por não medir esforços para me dá a oportunidade de estudar na UNIFACOL, ter uma boa qualificação profissional e acreditar no meu potencial sempre.

A Laila Duarte por ser um anjo na minha vida pois mesmo sem saber plantou a semente do amor pela arquitetura em meu coração e por ter me ensinado tantas coisas na área que escolhi exercer, assim como, me mostrar que sou capaz de muitas coisas, mas que o preço disso é a dedicação, esforço e paciência.

Agradeço também a minha família paterna por nunca hesitar em me ajudar em todos os momentos que precisei e a minha família materna por não medir esforços para me ajudar quando preciso.

A Fernanda Marlice por sua amizade desde do primeiro semestre do curso onde juntas enfrentamos com firmeza e dedicação o que a vida acadêmica nos proporcionou e assim solidificando uma amizade verdadeira, leal, sincera e que levarei para toda vida.

Agradeço aos amigos que se mantiveram na minha vida em momentos bons e nem tão bons assim, por me aconselhar com sabedoria e também por me incentivar e encorajar quando necessário tanto na área acadêmica como na vida pessoal.

E aos professores que tive a oportunidade de conhecer, conviver e adquirir conhecimentos em diversos segmentos. Ao meu orientador Ewerton Cavalcante, por toda disponibilidade, ajuda, compreensão, paciência e pela amizade que construímos no decorrer desse tempo, também a minha coorientadora Suely Mangabeira por ser tão solícita quando preciso de orientação e ajuda.

“Arquitetura não é um curso, é um caminho, percurso. Dentre todas as artes, está me satisfaz, tira de mim tudo o que sou capaz, até o que não sou me faz.”

(Emanuel Souto)

RESUMO

A partir do estudo sobre habitação estudantil foi possível perceber as necessidades inerentes aos estudantes universitários que precisa diariamente se deslocar para outra cidade para estudar, ocasionando desta forma em um movimento pendular. Diante disto, o objetivo do presente trabalho é propor um anteprojeto de uma habitação estudantil a UNIFACOL, Centro Universitário localizado na cidade de Vitória de Santo Antão – PE, para os universitários, proporcionando assim a viabilidade dos mesmos em morar na cidade para buscar melhor rendimento acadêmico, aproveitamento do tempo e a partir disto buscar atender suas necessidades com moradia de qualidade a partir de uma experiência gerada pela vivência com outros universitários, oferecer espaços com condições para estudo, descanso, convívio e interação. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas, consultas em artigos, sites, trabalhos finais de graduação e dissertações para melhor compreensão do tema moradias estudantis e foi aplicado um questionário como método para entender as principais necessidades dos alunos universitários que optam por residir na cidade para estudar. O estudo resultou na construção de um projeto que busca atender às necessidades dos estudantes a partir do resultado do questionário aplicado anteriormente, além de levar ao município a construção de uma habitação em status de inédita por se tratar de um empreendimento do setor privado e proporcionar aos alunos universitários a possibilidade de uma habitação.

Palavras – Chave: Habitação. Anteprojeto. Estudantes. Programa de Necessidades.

ABSTRACT

From the study on student housing, it was possible to perceive the needs inherent to university students who need to travel to another city to study daily, thus causing a pendulum movement. Given this, the objective of the present work is to propose a preliminary project of a student housing to UNIFACOL, University Center located in the city of Vitória de Santo Antão - PE, for college students, thus providing their viability in living in the city to seek better academic performance, taking advantage of time and from this seeking to meet your needs with quality housing from an experience generated by living with other university students, offer spaces with conditions for study, rest, conviviality and interaction. To this end, bibliographic research, consultations on articles, websites, final undergraduate work and

dissertations were carried out to better understand the topic of student housing and a questionnaire was applied as a method to understand the main needs of university students who choose to live in the city to study. . The study resulted in the construction of a project that seeks to meet the needs of students based on the result of the questionnaire previously applied, in addition to taking to the municipality the construction of housing in unprecedented status because it is a private sector enterprise and providing university students with the possibility of housing.

Key-words: Housing. Draft. Students. Needs Program.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - As primeiras universidades do mundo	16
Figura 2 – Escola de Cirurgia da Bahia	17
Figura 3 – República Castelo dos Nobres em Ouro Preto/MG.....	26
Figura 4 - Visão do edifício a partir do térreo.....	41
Figura 5 – Visão interna para o externo	42
Figura 6 – Visão da fachada norte do projeto.....	43
Figura 7 – Localização do Campus Hall	43
Figura 8 - Diagrama de desenvolvimento da forma.....	44
Figura 9 - Área comum entre os blocos.....	44
Figura 10 - Perspectiva do pavimento tipo	45
Figura 11 - Diagrama sobre a hierarquia de privacidade do pavimento	45
Figura 12 - Cozinha compartilhada, sala de tv e espaço para refeições	46
Figura 13 - Planta do pavimento térreo	46
Figura 14 - Planta 2º ao 5º Pavimento.....	47
Figura 15 - Tipologias dos dormitórios	47
Figura 16 - Interior do dormitório	48
Figura 17 - Planta do pavimento 6º ao 11º.....	48
Figura 18 - Planta do pavimento 12º	49
Figura 19 - Planta do pavimento 13º	49
Figura 20 - Planta do pavimento 14º	50
Figura 21 - Planta de cobertura.....	50
Figura 22 - Visão do Terraço jardim	51
Figura 23 - Corte	51
Figura 24 - Programa de necessidades.....	52
Figura 25 - Programa de necessidades.....	53
Figura 26 - Fachada	53
Figura 27 - Varanda do dormitório.....	53

Figura 28 - Visão do edifício a partir do térreo.....	54
Figura 29 - Visão da fachada do projeto.....	55
Figura 30 - Localização do Alojamento Estudantil na Cidade do Saber.....	55
Figura 31 - Perspectiva da implantação	56
Figura 32 - Planta do pavimento térreo	56
Figura 33 - Pavimento térreo com pilotis	57
Figura 34 - Perspectiva da implantação	57
Figura 35 - Perspectiva	58
Figura 36 - Visão interna do dormitório	58
Figura 37 - Desenhos técnicos fase	59
Figura 38 - Desenhos técnicos fase	59
Figura 39 - Corte	60
Figura 40 - Corte	60
Figura 41 - Tabela do programa de necessidades	61
Figura 42 - Materiais na fachada.....	61
Figura 43 - Vista externa através dos vazios da fachada	62
Figura 44 - Vista área do Crusp.....	63
Figura 45 - Diagrama de implantação do Crusp em 1963	64
Figura 46 - Vista aérea do Crusp, implantação dos blocos habitacionais,	64
Figura 47 - Mapa de localização.....	66
Figura 48 - Planta de situação.....	66
Figura 49 - Diagrama de organização espacial	67
Figura 50 - Planta baixa do pavimento térreo, projeto original	67
Figura 51 - Planta do pavimento tipo original	68
Figura 52 - Planta baixa do pavimento tipo, projeto original.....	68
Figura 53 - Planta da unidade de alojamento, projeto original	69
Figura 54 - Planta da distribuição das unidades de alojamento, projeto original.....	69
Figura 55 - Projeto original quarto para três pessoas Projeto original, área de estudo e copa	70
Figura 56 - Tabela do programa de necessidades com base no projeto original	70
Figura 57 - Planta pavimento térreo e sua estrutura	71
Figura 58 – Conjunto Residencial da USP	72
Figura 59 – Análise comparativa/ Estudo de caso.....	73
Figura 60 - Localização da Cidade de Vitória de Santo Antão – PE.....	74
Figura 61 - Localização do Bairro da Matriz	75

Figura 62 - Rua Hermenegildo Costa	76
Figura 63 - Localização do Lote	77
Figura 64 - Lote com vista superior	77
Figura 65 – Ampliação da imagem sobre o lote	78
Figura 66 - Distância do lote para o Rio Itapacurá	79
Figura 67 - Mapa de Cheios e Vazios	79
Figura 68 - Mapa de Cheios e Vazio	81
Figura 69 - Mapa de Gabarito.....	82
Figura 70 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo.....	82
Figura 71 - Mapa de Vegetação	83
Figura 72 - Mapa de Sistema Viário	84
Figura 73 - Mapa de Fluxo Viário	85
Figura 74 - Instalações Sanitárias Mínimas Obrigatórias	90
Figura 75 - Guarda e Estacionamento de Veículos.	91
Figura 79 - Pavimento Térreo	
Figura 80 - 1º Pavimento.....	102
Figura 81 - 2º Pavimento	
Figura 84 – 3º Pavimento	103
Figura 85 – Volumetria Proposta.....	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de universidades particulares que oferecem apoio moradia a seus alunos, segundo MEC.....	28
Quadro 2 - Informações sobre o Campus hall.....	42
Quadro 3 - Informações sobre o Alojamento Estudantil na Cidade do Saber	54
Quadro 4 - Parâmetros Urbanísticos.....	86
Quadro 5 - Programa De Necessidades - Área Administrativa.....	98
Quadro 6 - Programa De Necessidades – Área Comum.....	98
Quadro 7 - Programa De Necessidades – Área Íntima	98
Quadro 8 - Programa De Necessidades – Área de Serviço	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento das universidades e a estruturação do ensino no Brasil..	19
Gráfico 2 - Qual sua idade?.....	94
Gráfico 3 - Você reside na cidade de Vitória de Santo Antão?.....	94

Gráfico 4 - Moraria em uma habitação estudantil com preço acessível, boa localidade e com pessoas/moradores da mesma instituição de ensino superior?94	Gráfico 5 - O que não pode faltar neste tipo de habitação?.....95	Gráfico 6 - Qual local é propício para fazer amizades?96	Gráfico 7 - Você usaria a cozinha compartilhada?96	Gráfico 8 - Usaria a sala de jogos?.....97	Gráfico 9 - E a lavanderia coletiva?.....97
--	--	---	---	---	--

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
 UNIFACOL – Centro Universitário Facol
 LDB – Lei de Diretrizes e Bases
 DAE – Departamento de Assistência ao Estudante
 IES – Instituição de Ensino Superior
 LUOS - Lei de Uso e Ocupação do Solo
 SENCE – Secretaria Nacional de Casas de Estudante
 ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 O surgimento das universidades	15
2.2 Habitação Coletiva	20
2.3 Contexto histórico da Habitação Estudantil	22
2.3.1 Contexto histórico da Habitação Estudantil no cenário internacional	23
2.3.2 Contexto histórico da Habitação Estudantil no cenário brasileiro.....	25
2.4 Os benefícios da habitação estudantil	29
2.5 Arquitetura Biofílica	31
2.6 Conforto Ambiental	34

2.6.1 Conforto Térmico.....	36
2.6.2 Conforto Lumínico	38
3 METODOLOGIA	40
4 ESTUDO DE CASO.....	41
4.1 Campus Hall.....	41
4.1.1 Informações Gerais	42
4.1.2 Localização	43
4.1.3 Organização Espacial.....	44
4.1.4 Programa De Necessidades.....	52
4.1.5 Plasticidade e Materiais.....	52
4.2 Alojamento Estudantil na Cidade do Saber	54
4.2.1 Informações Gerais	54
4.2.1 Localização	55
4.2.2 Organização Espacial.....	56
4.2.3 Programa de Necessidades	60
4.2.4 Plasticidade e Materiais.....	61
4.3 Conjunto Residencial Da Usp – Crusp	62
4.3.1 Informações Gerais	63
4.3.2 Localização	65
4.3.3 Organização Espacial.....	67
4.3.4 Programa de Necessidades	70
4.3.5 Plasticidade e Materiais.....	71
4.4 Análise Comparativa dos Estudos de Caso.....	72
5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	74
5.1 Cidade De Vitória De Santo Antão – PE	74
5.2 Bairro Matriz	75
5.3 Localização Da Rua.....	76
5.4 Informações sobre o lote.....	76
5.4.1 Análise de Incidência Solar e Direção dos Ventos	79

6 PARÂMETROS URBANÍSTICOS	81
7 PARÂMETROS LEGAIS	86
7.1 Lei de Uso e Ocupação do Solo – Luos	86
7.2 Lei n.º 36/2002 – Código de Obras.....	87
7.3 Lei nº 2.788 - Código e Edificações e Posturas	88
7.4 Lei Nº 16.292/97 - Código De Edificações Recife.....	89
7.5 Lei Nº 15.671/92 - Guarda e Estacionamento de Veículos.	90
7.6 NBR 9050.....	91
7.7 NBR 6492.....	91
8 PROPOSTA PROJETUAL	92
8.1 Conceito e Partido Arquitetônico	92
8.2 Público Alvo.....	92
8.3 Pesquisa Qualitativa	93
8.4 Dados Coletados da Pesquisa	93
8.5 Programa de Necessidades.....	98
9 ESTUDOS PRELIMINARES	100
9.1 Setorização	100
9.3 Proposta Volumétrica	104
10 ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO	105
10.1 Desenho Técnico.....	105
11 PERSPECTIVAS	106
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, nos últimos anos foram realizadas em torno de 166.422 matrículas em instituições privadas no estado de Pernambuco, em cursos de graduação em 2014 (INEP, 2015)

e em 2019 foram matriculados 208.587 estudantes (INEP, 2020), evidenciando um crescimento de 25,33% de estudantes ingressantes no ensino superior no período de 5 anos.

Universitários que não residem no município onde está situada a Instituição de Ensino Superior – IES buscam muitas vezes praticidade na rotina e maior aproveitamento do tempo, dessa forma decidem por habitar temporariamente em alojamento ou imóvel convencional de aluguel que atenda às suas necessidades como conforto, proximidade da universidade e acessível economicamente. De acordo com IBGE - Instituto de Geografia e Estatística (2010) no nível superior 29,2% dos alunos estudam em cidade diferente das que residem.

Ao optar por continuar cursando o ensino superior e manter-se na cidade, muitas vezes é necessário a procura por colegas para compartilhar o mesmo espaço e assim dividir as despesas. No entanto muitas vezes a busca é escassa, do mesmo modo que em muitas situações a opção existente de moradia está fora da realidade financeira do estudante.

De acordo com o Centro Universitário - UNIFACOL (2021) atualmente 39,1% (1.368) dos matriculados residem em Vitória de Santo Antão-PE, e 60,9% (2.131) dos estudantes matriculados não residem no município, conforme é possível ver no Apêndice A, mas escolheram a UNIFACOL para cursar uma graduação de ensino superior, e são expostos diariamente a longos trajetos de casa até a faculdade (ida e volta), gerando uma rotina com tendência a estresse, exaustão, que se mantém por anos até a conclusão do curso.

Quando opta por residir temporariamente na cidade de Vitória/PE, a busca é pela proximidade da universidade, acesso descomplicado, maior oportunidade de descanso ocasionando em melhor desempenho acadêmico, se tornando então, uma opção frequente e viável.

O atual estudo tem por objetivo propor um anteprojeto de uma habitação estudantil a UNIFACOL para os estudantes universitários com a finalidade de gerar oportunidades de moradia compartilhada com qualidade, experiência e vivência

coletiva, maior qualidade de vida e melhor desenvolvimento acadêmico para estes estudantes, logo, viabiliza a permanência na Instituição. Além disso, os objetivos específicos visam trazer a convivência coletiva através da moradia compartilhada como nova forma de habitar; oferecer espaços com condições para estudo,

descanso, convívio e interação entre os estudantes; analisar os condicionantes do terreno para melhor implantação e trazer soluções projetuais que atenda às necessidades dos moradores.

Para atingir o objetivo, o trabalho irá utilizar um questionário aplicado aos estudantes universitários que estão matriculados na instituição e que residiriam neste tipo de habitação e assim suprir devidamente benefícios como segurança, necessidades essenciais físicas, econômica e acadêmica. Por se tratar de uma proposta de investimento para UNIFACOL, a mesma terá um imenso diferencial com relação às outras Instituições de ensino superior privado no município, deixando-o assim mais atrativo e expandindo os números de interessados.

Diante do exposto, as informações obtidas para desenvolver e projetar uma habitação estudantil está em *status* de inédito, porém até o momento constatou-se que não há nenhum projeto desenvolvido por parte da UNIFACOL mesmo sendo notória a carência de habitação deste segmento no município, e por isso o trabalho propõe um projeto voltado para os estudantes universitários da mesma.

15

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O surgimento das universidades

O objetivo da educação é preparar as pessoas para uma vida de conhecimento e sabedoria, de forma a obter uma vida profissional e financeira confortável, tranquila e lucrativa (OLIVEN, 2002).

De acordo com Bortolanza (2017) atualmente, a educação é vista como uma preparação da leitura e escrita, seguindo uma trajetória da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, podendo se estender para um curso técnico ou uma graduação. O ensino superior é almejado por muitos jovens e outros nem tão jovens, para que haja uma melhor chance de alcançar uma rentabilidade estável no mercado de trabalho.

Segundo Souza et al (2019) a primeira universidade no mundo que se tem registro foi a chamada Academia, fundada por Platão filósofo grego no ano de 387 a.C. próxima a Atenas com estudos de matemática, filosofia e ginástica. De acordo com muitos estudiosos a Academia não pode ser considerada uma universidade, pois “cada professor da ‘universidade’ Academia, criava uma escola separada, mas

adjunta da universidade de Platão e repassava seus conhecimentos consequentemente formando líderes e aplicando provas ou outros tipos de ensinamentos” (SOUZA et al., 2019. p.3)

Sendo assim, nos estudos de Souza et al (2019) foi decidido pelos estudiosos que as instituições consideradas universidades são as que surgiram na Europa Medieval durante o período do renascimento do século XII, sendo estas a Universidade de Bolonha na Itália-1088 (Figura 1a), Universidade de Oxford Inglaterra-1096 (Figura 1b), ofereciam os cursos de direito, medicina e teologia, Universidade de Paris na França-1170 (Figura 1c), Universidade de Modena na Itália-1175 (Figura 1d), Universidade de Cambridge na Inglaterra-1209 (Figura 1e) e a Universidade de Salamanca na Espanha-1218 (Figura 1f), pois “a igreja católica foi uma de suas estabelecedoras, formando disciplinas e provas, tendo tudo uma relação com a fé, teologia, filosofia e línguas” (SOUZA et al., 2019. p.3).

16

Figura 1 - As primeiras universidades do mundo



Fonte: Google Imagens, 2021. (Modificado pela autora)

As instituições ao redor do mundo em sua maioria, ao receber as ciências se desvincularam do Estado rompendo com seu formato tradicional medieval e tornando-a tributária de uma complexa e contraditória relação entre os poderes e a autonomia universitária, com ênfase nas universidades da França e Alemanha, sendo seus modelos adotados, inspirados e obtendo alto prestígio em vários países, inclusive nos Estados Unidos (PEREIRA; LOURENÇO, 2008).

O Brasil constitui uma exceção na América Latina: enquanto a Espanha espalhou universidades pelas suas colônias – eram 26 ou 27 ao tempo da independência –, Portugal, fora dos colégios reais dos jesuítas, nos deixou limitados às universidades da Metrópole: Coimbra e Évora. (TEIXEIRA, 1999, P. 29 *apud* MENDONÇA, 2000, p.131).

Não havia, pois, na Colônia estudos superiores universitários, a não ser para o clero regular ou secular [...] para os que não se destinavam ao sacerdócio, mas a outras carreiras, abria se, nesse ponto de bifurcação, o único, longo e penoso caminho que levava às

17

universidades ultramarinas, à de Coimbra [...] e à de Montpellier [...]. (AZEVEDO, 1971, p. 532).

Os estudos de Mendonça (2000) afirmam que devido a interpretações divergentes, não há confirmação da existência de uma universidade de ensino superior Brasileira no período colonial, julgada por diferentes autores, em distintas épocas e contextos.

Segundo os estudos de Barreto e Figueiras (2007) com a chegada na Família Real em 1808, os primeiros cursos de ensino superior foram inseridos e iniciados na primeira instituição fundada, a Escola de Cirurgia da Bahia (Figura 2) e as faculdades de direito de São Paulo e Olinda em 1827.

As instituições de ensino superior anteriores há 1909 não receberam o título de universidade. Para receber tal titulação a instituição “além de um número considerável de cursos, a instituição precisa estar adequada dentro de um estatuto e ter seus documentos em dia com esse estatuto para essa consideração de universidade” (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007. p.36).

Figura 2 – Escola de Cirurgia da Bahia



Fonte: Google Imagens (2021)

Nos estudos de Souza et al (2019) relata que a primeira universidade nacional foi a Universidade de Manaus (1909). Com a criação do Decreto nº 14.343, foi instituída a primeira universidade no Brasil, a Universidade do Rio de Janeiro a qual

18

passou a oferecer cursos variados. “Segundo alguns estudiosos, a razão principal da criação da Universidade do Rio de Janeiro teria sido a necessidade diplomática de conceder o título de doutor *honoris causa* ao rei da Bélgica em visita ao país” (SOUZA et al., 2019. p.1).

Segundo Oliven (2002) no ano de 1931, durante o governo de Getúlio Vargas, houve a aprovação do Estatuto das Universidades Brasileiras, popularmente conhecido como “Reforma Francisco Campos”, assinado pelo então ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, a qual diz:

A universidade poderia ser oficial, ou seja, pública (federal, estadual ou municipal) ou livre, isto é, particular; deveria, também, incluir três dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras. Essas faculdades seriam ligadas, por meio de uma reitoria, por vínculos administrativos, mantendo, no entanto, a sua autonomia jurídica (OLIVEN, 2002. p. 31).

De acordo com Souza et al (2019), durante o golpe militar de 1964 houve intervenção direta do governo nas universidades com o intuito de repressão a alunos

e professores com ações subversivas. O Decreto-Lei nº 53/66 promulgado, tinha como objetivo definir regras de estruturação para as universidades federais, a qual

[...] vetava a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes; determinava a unidade entre ensino e pesquisa; obrigava à concentração do ensino e da pesquisa básicos, de modo a formar um sistema comum para toda a universidade. Obrigava também à criação de uma unidade voltada para a formação de professores para o ensino secundário e de especialistas em questões pedagógicas – a Faculdade (ou centro ou departamento) de Educação (SOUZA et al., 2019, p. 29).

A Lei da Reforma Universitária (Lei nº 5540/68), “que criava os departamentos, o sistema de créditos, o vestibular classificatório, os cursos de curta duração e o ciclo básico, dentre outras inovações” (OLIVEN, 2002, p. 37). E a lei nº 5540/68 também estabeleceu que não houvesse as divisões entre “ensino, pesquisa e extensão, o regime integral de ensino, a dedicação exclusiva dos professores e a valorização do profissional da educação por título e produção científica” (OLIVEN, 2002, p. 38).

Os estudos apontam que a reforma universitária afetou tanto as instituições federais, quanto as privadas de ensino superior. No entanto, as instituições privadas

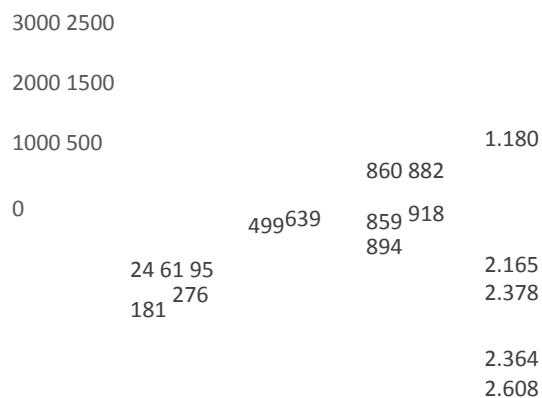
19

se expandiram com foco em sua maioria no interior dos estados mais desenvolvidos e na periferia das grandes cidades, assumindo a liderança, em quantitativo, de alunos no Ensino Superior, tendo um perfil predominantemente de ensino, não de pesquisa (OLIVEN, 2002).

O atual regime de funcionamento dessas instituições “se encontra fundamentado nos preceitos da Constituição Federal de 1988, na LDBEN de 1996 e num vasto conjunto de decretos, regulamentos e portarias complementares” (SOUZA et al., 2019, p. 21).

A Educação Superior no Brasil engloba um variado grupo de instituições públicas e privadas, que abrange diversos tipos de cursos e programas, integrando vários níveis de ensino que vão desde a graduação até a pós-graduação *lato e stricto sensu* (SOUZA et al., 2019, p. 21).

Gráfico 1 – Crescimento das universidades e a estruturação do ensino no Brasil



INSTITUIÇÕES DE ENSINO

ANO 1900 1910 1920 1930 1945 1960 1970 1975 1980
1985 1990 1995 2000 2005 2010 2015 2020

Fonte: BORTOLANZA, 2017; GOVERNO DO BRASIL, 2020 adaptado pela autora (2021)

O Governo do Brasil (2020) divulgou o censo da educação superior, e os dados fornecidos pelo INEP em 2019, o qual o Censo da Educação Superior 2019, das 2.608 instituições de educação superior no Brasil, 2.076 são faculdades, 294 centros universitários, 198 universidades e 40 Institutos Federais de Educação e Centros Federais de Educação Tecnológica.

20

2.2 Habitação Coletiva

A moradia coletiva é um fenômeno antigo no mundo e no Brasil, exemplos são os cortiços, puxadinhos, repúblicas e outras derivações do tipo. No conceito de compartilhamento, os jovens possuem facilidade por já realizarem a partilha de diversos setores, como o compartilhamento de assinaturas e de uma corrida (taxi), por exemplo. No conceito de habitar, é possível aproveitar melhor os espaços

ociosos, transformando cozinhas, lavanderias e salas de estar em espaços compartilhados, permanecendo e respeitando a privacidade com relação ao dormitório e banheiro (BRAGA, 2020).

Devido ao crescimento desordenado e progressivo da cidade, as edificações horizontais e verticais se adequaram agora aos edifícios multifamiliares, antes maioria unifamiliar. A habitação coletiva multifamiliar vertical constitui a maior expressão da cidade concentrada. No entanto a habitação coletiva é caracterizada por alguns autores como residência ocupada por pessoas com o mesmo interesse, sem ter vínculo e laço familiar nenhum (RAMOS, 2012).

O perfil dos indivíduos que optam por habitações coletivas normalmente são jovens e adultos ou membros recém-saídos de casa que procuram uma morada com o intuito de economizar recursos financeiros. Esses então chamados de Millennials optam por não investir em coisas, pois segundo estudos, é uma geração que optou por explorar as experiências, sendo pontuado que esse grupo em comparação aos pais, está ganhando menos dinheiro, sendo este um dos motivos. Optam por moradias dinâmicas, de caráter transitório (dependendo da fase em que se encontram), pois estão sempre se movendo para estudar, trabalhar e morar, outro fator é que devido aos baixos salários, eles não almejam por comprar uma casa própria com empréstimo de 30 anos (KOGLER, 2020).

A Economia Compartilhada emerge como uma proposta contemporânea de modelo econômico que possui como foco principal o compartilhamento de recursos, bens e serviços -entre pessoas e/ou entidades –realizado através de transações comerciais ou não. Este modelo visa abarcar, em suas proposições, um viés de sustentabilidade -seja social, ambiental ou econômico -utilizando-se de tecnologias computacionais e de redes na base de suas dinâmicas (MOTA, 2020).

Ao restringir mais ainda o público, encontra-se os que saíram de casa para algo específico, aqui se encontra os estudantes universitários, que ao optar por uma

21

habitação coletiva, busca economizar recursos financeiros e se manter próximo da instituição de ensino ao qual possui vínculo, como meta estes buscam estabelecer uma conexão com outros indivíduos que compartilham da mesma experiência (KOGLER, 2020).

Como habitação mínima, se encontra a flexibilização dos espaços de uso pessoal ou residencial, possibilitando a otimização e redução de alguns espaços

devido ao aparato tecnológico e seu meio virtual, temos na área de serviço (lavanderia) a redução espacial devida as máquinas de lavar e secar, os dormitórios passam a ter função de lazer e escritório, e outros mais, como exposto na figura 3, para uma população que está em constante movimento, a denominada geração Millennials (KOGLER, 2020).

A ideia é que o desenho da casa se adapte às nossas necessidades dependendo de que momento de vida nos encontramos. As nossas realidades são muito diversas. É importante que uma casa possa responder a essa diversidade (KOGLER, 2020. p.3).

Este tipo de habitar compactado altera a dinâmica cultural do indivíduo, o lazer antes realizado em casa, passa a ser exteriorizar para a cidade, a lavanderia, antes em exercido de forma individual, passa ser coletiva, o cozinhar da casa passa a ser um hobby e não uma ação exclusivamente por necessidade, sendo possível adquirir nas ruas ou por delivery (MOTA, 2020).

Neste contexto a ideia de comunidade é fortificada por meio das necessidades e compartilhamento de competências entre os estudantes, assim, sendo possível gozar de espaços mais confortáveis e com facilidade de acesso a áreas externas (rua), com interação com o próximo e o desconhecido nas proximidades da universidade e de forma mais econômica (BRAGA, 2020).

Como referência estrangeira é possível citar os estudantes americanos que saem de casa para residirem nas universidades. No Brasil, devido à desigualdade e o déficit habitacional, a inserção e sua conclusão é cada vez mais distante, além da grande concorrência as vagas nas habitações estudantis (MOTA, 2020).

22

2.3 Contexto histórico da Habitação Estudantil

Mediante registros apresentados por Aranha (2006) na Grécia antiga em seus tempos homéricos (século XII ao VIII a.C.), a criança nobre aos sete anos era enviada para estudos fora do palácio. Em esparta no século IV a.C., a aprendizagem ocorria por sua vez longe da família. E no século VI a.C. Pitágoras ensinava em sua residência matemática. E no período da Idade média os mosteiros recebiam tanto os que queriam seguir a vida monástica, quanto a comunidade externa.

Estudos apontam que o surgimento da educação superior e das moradias

estudantis como uma trajetória única de implantação e desenvolvimento. Sendo estabelecido devido à necessidade de deslocamento de estudantes das mais diversas famílias espalhadas pelo país ou mesmos de estrangeiros indo estudar. Sendo a história da universidade e das habitações sempre relatada lado a lado, não fora comprovada ou então historicamente relatada individualmente, sendo observada a relação e ligação entre si (GARRIDO, 2012).

Observou-se que desde então a educação ocidental, mediante a criação de universidades, aderiu a prática de acolher os estudantes em um determinado local para disseminação de conhecimento, hoje denominamos esse local de *campus* universitário, sendo este uma experiência vivida apenas pelos acadêmicos.

A vivência acadêmica envolve o conjunto de experiências que os estudantes do ensino superior têm durante os anos de formação em ambiente acadêmico institucional ou a ele vinculado. No geral, abarca desde as atividades obrigatórias, tais como aulas em classes e laboratórios e os estágios, até aquelas de caráter não obrigatório, embora também relacionadas à formação. Como atividade não obrigatória, é possível citar: iniciação científica; atividades esportivas e artísticas; frequência ao restaurante da instituição; grupos de estudos; participação em eventos de natureza acadêmica e científica, como seminários e congressos; representação estudantil, dentre outros, sendo que tanto as atividades obrigatórias quanto as optativas exercem impacto expressivo sobre a formação do estudante. (GARRIDO; MERCURI, 2013. p.89).

De acordo com Parisotto, Pagno (2018) o fenômeno de deslocamento de pessoas em busca de conhecimento acadêmico se intensificou em meados dos séculos XI e XII na Europa, o surgimento das primeiras universidades, por causa da cooperação entre os países, e o trânsito livre, favorece a utilização de alojamento para estudantes fornecida pela instituição, de acordo com as autoras em Portugal as

23

moradias estudantis desde sua instituição foram meios econômicos, ou seja, direcionadas a aluguel.

2.3.1 Contexto histórico da Habitação Estudantil no cenário internacional

De acordo com Bellani (2015) as acomodações no Reino Unido podem ser halls residenciais, dormitórios acadêmicos, aluguel particular, apartamentos

compartilhados, etc. As acomodações podem ser:

- *On-campus* (dentro do campus), pois quase todas as universidades possuem em seus campus dormitórios, sendo estes limitados e com prioridade para estudantes do primeiro ano que se inscrevem para as acomodações. Os halls variam entre compartilhados e particulares. Tanto os halls privados quanto os halls universitários passam por padrão de qualidade e os valores mensais de água, luz internet e gás já estão incluídos no valor pago a universidade pelo dormitório, é possível encontrar valores distintos dependendo do halls e do tipo de universitário (estudantes europeus e não-europeus).
- *Off-campus* (fora do campus) normalmente também pertencente a universidade e em parceria com agências de moradias estudantis, comumente usada por alunos do segundo e terceiro ano dos cursos de graduação e pós-graduação. Possuem formato em sua maioria de apartamentos ou casas estudantis aprovadas pela instituição. Os halls residenciais privados podem ser dormitórios, flats, apartamentos ou casas compartilhadas com quatro a cinco quartos individuais, os preços são mais elevados que no *on-campus*. Ou o estudante pode optar por alugar imóveis de agências estudantis ou particulares, sendo de responsabilidade de arcar mensalmente com as despesas (existe uma taxa a ser paga, para ter uma tv em casa).

Em países com universidades renomadas como a de Cambridge, que segundo Bellani (2016) possuem mais de 22.000 alunos, sendo cerca de 12.000 na graduação e outros 10.000 na pós, destes aproximadamente 5.500 estudantes são

24

internacionais de mais de 100 países, a universidade é organizada em 31 faculdades e 150 departamentos. Os valores somente dos cursos podem variar entre £ 15.000 e £ 38.000, fora os custos de manutenção e estadia, sendo possível conseguir entrar em programas de bolsas e incentivos a estudantes estrangeiros, cada um deles com procedimentos e políticas próprias de seleção.

Já nos Estados Unidos o autor Garrido (2012) informa que é exigido que os estudantes do primeiro ano de ingresso na educação superior residam em moradias disponibilizadas pela instituição, que deveram ser pagas antes mesmo do estudante

iniciar as aulas. Os tipos de moradias estudantis dentro do campus, se divergem e diversificam com o tempo:

- O *residential college*, é o modelo mais antigo dos EUA, espelhado nos moldes ingleses de Cambridge e Oxford que se pautava no entendimento da interação entre ambiente de aprendizagem e de moradia, antes da Guerra Civil os idealizadores defendiam que o caráter dos estudantes deveria ser formado para além das aulas e das leituras, incorporando também atividades conjuntas, tais como rezar, comer, jogar, ter o acompanhamento constante dos tutores. Após a Guerra Civil os docentes e os estudantes foram separados, ocorrendo a distinção entre momentos intra e extra curriculares.
- O *residence halls* são unidades destinadas a acomodar os estudantes, em sua estrutura encontra-se espaços de convivência como salas de leitura, laboratórios, sala para refeições e outros, além dos dormitórios. Para ingressar nesse tipo de residência, o estudante passa por um profissional com função de administrador, que, havendo possibilidade, procura respeitar e identificar características e preferências nas fichas de inscrição, tal acomodação normalmente acomoda dois estudantes por quarto. O dormitório/casa pode incluir ou não cozinha.

- Além dos modelos descritos anteriormente, é possível encontrar outros formatos de ambiente residencial nos Estados Unidos, a exemplo dos Living Learning Centers (LLC) e os Community Learning Centers (CLC), que são programas residenciais especializados, destinados a enriquecer programas acadêmicos específicos, tais como: programas para matemática, ciências,

25

pré-médicos etc., incluindo língua estrangeira, ou seja, casas temáticas ou “de vida e aprendizado”, onde os integrantes compartilham do mesmo curso ou outros interesses.

Fora do campus segundo Berllani (2016) é possível ter três tipos de opções de acomodações, ocupadas normalmente por alunos do segundo ano:

- I. As gerenciadas pela universidade: casas ou apartamentos compartilhados, o valor é pago a universidade ou ao proprietário, os gastos com água, energia e internet, estão inclusos, além de fornecer serviços adicionais, entre eles, suporte e orientações;
- II. Alugueis particulares: propriedades que normalmente estão localizadas fora do centro ou próximo, gerando uma limitação de escolha e ter responsabilidades com a limpeza, contas e deslocamento;
- III. Homestay: morar com uma família nativa, *host family*, comumente utilizada para estadias curtas ou quem gosta o ambiente familiar, sendo possível incluir plano de alimentação ou não. Nesse estilo é possível ter acesso a um quarto particular, mas não há garantias de um banheiro particular.

2.3.2 Contexto histórico da Habitação Estudantil no cenário brasileiro

Entre 1850 e 1860 com início do Ciclo da Mineração em Ouro Preto, o qual exigia mão de obra qualificada, foi-se criada então a Escola de Minas de Ouro Preto, dando início à saída dos jovens da casa dos pais para estudar. Com isso e a construção da estrada de ferro em 1888 que liga Rio de Janeiro a Ouro Preto, facilitou a migração de estudantes de outras partes do país, motivando a construção de moradias estudantis pelas instituições, que passaram a se responsabilizar pelo ensino do aluno e a estadia (Figura 3), durante o período que estivesse estudando (SAYEGH, 2012).



Fonte: Google Imagens (2021)

A cidade de Ouro Preto em Minas Gerais tornou-se reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade, sendo atribuída o título de cidade-universitária, um dos motivos seria devido sua peculiar característica de repúblicas estudantis as quais se assemelham as de Coimbra em Portugal (SAYEGH, 2012). A república “Castelo dos Nobres” é a mais antiga de Ouro Preto (1919), e provavelmente a mais antiga do Brasil (MIRANDA, MORAES, 2011).

[...] no período imperial (XIX), quando grupos de estudantes com ideais republicanos se juntaram e foram morar em casarões e sobrados. Nesse momento, o surgimento dessas repúblicas foi uma ação política, sendo que no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), as casas de estudantes também serviram como locais estratégicos de refúgio e resistência ao regime. Em 1987, o movimento melhor se articulou nacionalmente com a criação da SENCE – Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (MAURELL; MACHADO, 2019. p.3).

Segundo Brasil (1946) a primeira iniciativa para regulamentação da política de assistência estudantil no Brasil ocorreu mediante a Reforma Francisco Campos em 1931, que tornou obrigação de instituições de ensino a assistência estudantil aos estudantes necessitados mediante art. nº 172 que garantia condições de eficiência escolar levando em consideração a situação econômica de suas famílias.

Com o passar dos anos foi implementada a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, 4.024, de 1961, que considerou a assistência estudantil como direito à educação

(BRASIL, 1961). Criou-se em 1970 o Departamento de Assistência ao Estudante - DAE, com o intuito de “manter uma política de assistência ao estudante universitário em nível nacional, priorizando os programas de alimentação, moradia, assistência médica e odontológica” (BARRETO, 2014. p.57).

A Constituição de 1988 e a LDB 9394/96, estabeleceram o conceito de ações afirmativas (BRASIL, 1996). De acordo com Maurell, Machado (2019, p.4) “as ações afirmativas são políticas públicas e privadas voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e a neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem, nacional e física”, as ações afirmativas, estas foram impostas ou sugeridas pelo estado as entidades públicas e privadas.

O surgimento da Casa do Estudante se deu pelo movimento estudantil de acordo com as orientações disponíveis na página da Secretaria Nacional de Casas de Estudante - SENCE, sendo determinada como todo e qualquer espaço destinado a moradia de estudantes, se estabeleceu então diversas denominações “alojamento estudantil, residência estudantil, casa de estudante (universitária, secundária, pós graduação, autônoma, estadual, municipal), repúblicas e outras, independente da renda dos(as) moradores(as)” (MAURELL; MACHADO, 2019. p.4). De acordo com a SENCE (2011) os estudantes aptos a ocupar essas moradias estão em condições de vulnerabilidade socioeconômica e cultural, sendo acolhidos ou selecionados. A SENCE (2011, p.2) considera três tipos básicos de Moradia Estudantil:

- Residência Estudantil: é a moradia de propriedade das Instituições de Ensino Superior e/ou das Instituições de Ensino Secundaristas Públicas
 - Casas Autônomas de Estudantes: é a moradia estudantil administrada de forma autônoma, segundo estatutos de associação civil com personalidade jurídica própria, sem vínculo com a administração de Instituição de Ensino Superior ou Secundarista
 - República Estudantil: é o imóvel locado coletivamente para fins de moradia estudantil

De acordo com Ministério da Educação e Cultura - MEC (2020) as políticas de permanência das instituições são conhecidas como auxílio moradia onde o

universitário passará todo durante a graduação, sendo oferecidas a determinados estudantes que necessitem com características definida por cada universidade com políticas próprias de vagas, pois cada universidade recebe diversos perfis de estudantes de variados lugares do país, sendo o destaque para as universidades públicas.

Os números disponibilizados pelo Ministério da Educação em outubro de 2020 são referentes as universidades que oferecem apoio moradia para pelo menos 1% de seus alunos. Segundo o MEC (2020) totalizam 39 universidades com mais de 5 mil estudantes, dentre essas, apenas duas universidades são particulares, as demais oferecem moradia, mas com total inferior a 1%, como descritas na tabela 1.

Quadro 1 - Lista de universidades particulares que oferecem apoio moradia a seus alunos, segundo MEC

Universidade de Brasília	Brasília (DF)	1544	4,3%
Universidade de São Paulo	São Paulo (SP)	565	1,2%
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC)	Goiás (GO)	-	-

Fonte: MEC (2020), adaptado pela autora (2021)

Fica explicito que a quantidade de vagas disponibilizadas não corresponde a quantidade de alunos que necessitam dela para continuar estudando, sendo assim, as instituições que dispõem de alojamentos gratuitos e os que fornecem auxílio moradia tendem a ter o vestibular mais competitivo.

No entanto, a implicação de políticas para se manter nessa condição até o fim do curso, requerem um bom desempenho acadêmico. Como resultado de tal política, a instituição tende a pleitear os mais altos índices do MEC e Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - ENADE, sendo estes indicadores extremamente importante para uma universidade privada.

29

2.4 Os benefícios da habitação estudantil

No mundo, as Instituições de Ensino Superior – IES como exemplo as de Austrália, Canadá, Irlanda e Estados Unidos, oferecem moradias estudantis como parte de seus serviços, e quase sempre são pagos pelos usuários “com o propósito de criar condições favoráveis à interação social e dedicação aos estudos, oferta de programas de aprendizagem, melhorias no ambiente físico, estratégia utilizada para atrair os estudantes e retê-los” (GARRIDO, 2015, p.89).

Segundo Garrido (2015) no Brasil, quando a instituição possui moradia, essa é oferecida visando o acolhimento do estudante em condições socioeconômicas desfavoráveis, oriundos de cidades distintas das IES em que estudam, as quais em sua maioria é gratuita, mas, em alguns casos, como no da Universidade Federal de Minas Gerais, são cobradas taxas, considerando-se o critério de classificação socioeconômica do estudante estabelecido pela instituição.

Uma análise feita com alguns autores e relatado de forma cronológica mostrou que, nos estudos de Pascarella e Terenzini (1991) os autores analisaram o impacto das instituições de ensino superior sobre o estudante, o grupo participante era formado de estudantes que residiam em moradias dentro do campus. O fato de morar no campus foi significativamente relevante para que os estudantes persistirem nos estudos para que houvesse a conclusão dele, com a moradia próxima a instituição de ensino os discentes tiveram experiências em vários aspectos, como:

[...] alterações em valores intelectuais, culturais e estéticos; liberalização de atitudes e de valores religiosos, políticos e sociais; desenvolvimento do autoconceito, da orientação intelectual, da autonomia e independência; tolerância; empatia; habilidades para lidar com outras pessoas e uso do princípio da razão para julgar questões de natureza moral (PASCARELLA; TEREZINI, 1991, p.4177).

As autoras Capovilla e Santos (2001) elaboraram uma pesquisa com universitários de odontologia, com o objetivo de identificar a frequência de participação desses estudantes em atividades fora da instituição, bem como avaliar a influência destas em seu desenvolvimento pessoal, sendo identificado que os estudantes que residiam em moradias estudantis obtiveram um maior aproveitamento acadêmico e uma maior interação extraclasse e diminuindo a

30

desistência acadêmica, as atividades mais citadas foram: “conversar com os professores em espaço extraclasse, realizar estágios na área profissional, envolver-se em atividades voluntárias, participar de projetos de pesquisa, de clubes e organizações estudantis” (CAPOVILLA; SANTOS, 2001. p.51).

Fior e Mercuri (2003) investigaram as contribuições das atividades não obrigatórias que causaram impactos positivos em seus comportamentos, estilos ou formas pessoais de vivenciar a vida do estudante universitário de uma universidade pública do Estado de São Paulo, como resultado, os estudantes mencionaram a participação de atividades não obrigatórias, tais como “participar de monitorias, estágios extracurriculares, grupos de estudo, discussões e debates entre estudantes, atividades artísticas e culturais, empresa júnior, centros estudantis e residir na moradia estudantil” (FIOR, MERCURI, 2003, p.143), causaram uma nova perspectiva positiva, foram citadas: vislumbre de futuro, expectativa profissional, adequação ao novo ambiente, aceitação do local de residência.

Os autores Pascarella e Terenzini (2005) realizaram uma pesquisa com o mesmo propósito e confirmaram os achados da revisão de 1991, e concluíram:

que a experiência de morar no campus, independentemente do tipo de moradia, promove atitudes etnoraciais mais positivas e inclusivas, assim como leva o estudante a uma maior abertura à diversidade, quando comparado com seus pares que moram fora do campus e se deslocam até ele (PASCARELLA, TEREZINI, 2005, p.46301).

O autor Yeung (2009) realizou um estudo cuja finalidade foi a de identificar o impacto da experiência de morar em residências situadas no campus sobre o rendimento médio do estudante e sobre sua integração acadêmica e social, colhendo informações de estudantes que residiam em moradia no campus,

residência com os familiares e outros espaços de moradias. O autor concluiu que os estudantes que moravam no campus obtiveram uma integração acadêmica e social mais positiva em comparação aos demais.

Os autores Turley e Wodtke (2010) realizaram um estudo para observar a influência do tipo de moradia no desempenho acadêmico e concluíram que estudantes que moravam em residências dentro do campus possuíam um rendimento médio acadêmica expressivamente mais elevado em comparação aos que viviam fora com suas famílias. Diante da pesquisa, os estudantes que

31

vivenciaram uma experiência de residir em moradias estudantis obtiveram pelos dados coletados, uma vivência acadêmica que propicia mudança ou alterações pessoais, as quais geram impacto sobre a formação estudantil.

E para melhoria da vida do residente neste tipo de habitação foram considerados alguns aspectos como iluminação adequada dos espaços públicos e privados, a existência de lavandarias e de alguns eletrodomésticos que transformam o quarto de um estudante, de um mero local de dormir numa academia de estudo mais adequada e privada (TAVARES, 2020).

Segundo Turley e Wodtke (2010) as moradias estudantis possuem um perfil gerador de amizade, experiências, autocuidado, autoconfiança, autoestima, organização e independência. E segundo os autores a residência universitária afeta o comportamento e a personalidade de quem vive essa experiência.

As residências estudantis apresentam necessidades que conquistam os estudantes e as tornam mais agradáveis, como, “as instalações, o acesso à internet, cofre individual/segurança dos pertences, comodidade, conveniência do quarto, a localização, o contato social permitido pelo espaço físico e a segurança” (TAVARES, 2020, p.880).

2.5 Arquitetura Biofílica

A arquitetura biofílica corresponde a uma área inovadora que envolve o uso de elementos naturais para transformar a paisagem, sendo uma característica tanto de arquitetos, quando de paisagistas, com o intuito de promover o bem-estar no âmbito da saúde (SANGUINETO, 2011). A arquitetura biofílica trás elementos diretos ou indiretos da natureza com a inclusão de plantas e uso de cores neutras que

podem causar este bem-estar em espaços internos.

O termo biofilia, propriamente dito é recente, mas partes do seu conceito e princípios já vêm sendo aplicados há décadas no ambiente construído, porém não de forma integrada, já que o que se espera da arquitetura biofílica é a atenção obrigatória aos princípios e o foco, desde o princípio no usuário (NICOLAU, 2021. p. 27).

A biofilia foi inserida na sociedade pelo psicólogo Erich From, contudo só ficou conhecida a partir da aplicação das teorias do sociobiologista Edward Wilson em 1984, descrevendo o termo como a relação de amor à natureza, a ligação emocional dos

32

humanos com outros organismos vivos (SANGUINETO, 2011). A necessidade de interação inata do ser humano para com a natureza, expressa por Okamoto (2002), configura-se em um desejo humano decorrente de traços da evolução.

A biofilia por sua vez, compreende o amor e cuidado com tudo o que é vivo. Biofilia é amor à vida, e o novo-ismo que se propõe é o do Biocentrismo, colocando a vida no mais elevado patamar, significando superior ao Humano (fruto e não senhor da evolução da vida) e suas criações. De acordo com Ladislau (2019) a biofilia surge exatamente da necessidade humana, e se insere nessa necessidade ao conectar o homem com a natureza estendendo essa conexão aos espaços humanos construídos. Nesse sentido, é possível observar a interdependência existente entre a arquitetura, o homem e a natureza.

Ao assimilar a arquitetura com a paisagem vê-se a importância de os edifícios construídos atualmente não atenderem unicamente as necessidades funcionais, de construções sólidas, frias e que não se preocupam em respeitar o meio ambiente. Ao contrário, a arquitetura biofílica tem o intuito de promover a mudança de paradigma nas construções, partindo do pressuposto que, a arquitetura e a paisagem se integram de modo complementar, com peso igual da construção da paisagem urbana (LADISLAU, 2019).

De acordo com Santos e Santos (2015) a arquitetura biofílica tem impacto direto na ordem social, econômica, cultural e ambiental expressa pela plástica das construções e a utilização de recursos arquitetônicos com o intuito de gerar menos impacto ambiental.

O caráter biofílico das construções compreende um espaço construído de forma fluida e interpessoal, permitindo o protagonismo dos pedestres e o

aproveitamento espacial e climático oferecido em determinadas épocas do ano. Lembrando que, a socialização e o engajamento entre as pessoas em determinados espaços, possibilita o bem-estar ambiental promovendo determinada versatilidade e quebra do convencional - primitivo - e reinvenção por meio da biofilia (ROSA; SOUZA; FONTOURA, 2020).

O design biofílico é a sincronia do homem com o meio construído através da natureza, a ideia por trás desse conceito, é trazer de volta os elementos da natureza para o dia a dia os seres humanos, tornar o meio natural como parte da sociedade contemporânea. Nosso corpo evoluiu de acordo com as normas que a natureza dita e de acordo com os recursos disponíveis nos locais onde estamos. Nós

33

respondemos a estímulos sensoriais em todos os nossos sentidos, o maior exemplo disso, é como nosso corpo reage de acordo com a cor com a iluminação natural do sol durante o dia (BRANDÃO, 2021. p. 16).

É importante ainda considerar que a aplicação do design biofílico pode ser vista como uma questão de saúde pública, bem como uma questão ambiental, tendo em vista que boa parte das construções contemporâneas ainda não incorporam a natural afinidade pela natureza e seus processos (NEIMAN, 2009). Contudo, ainda segundo Brandão (2021) a recente inserção da sustentabilidade na construção civil tem ajudado nesse ponto, mas, a maioria das soluções são voltadas para redução de impacto no entorno, reaproveitamento de água e uso de energia de fontes renováveis.

Segundo Nicolau (2021) para a inserção de um design biofílico é preciso um estudo detalhado do ambiente, considerando as condições climáticas e culturais ou até mesmo os recursos disponíveis, com o objetivo de definir estratégias precisas e eficientes para o bem-estar, a diminuição do estresse nos ambientes e aumento da criatividade.

[...] o design biofílico, além de englobar alguns aspectos da bioarquitetura e outras vertentes citadas, traz uma nova forma de pensar, entender e planejar os ambientes, aliando as estratégias utilizadas pelas vertentes arquitetônicas aqui citadas à saúde das pessoas, onde o ambiente é construído diretamente para proporcionar saúde plena (física, mental e emocional) e bem-estar aos usuários. As evidências científicas apresentados no presente estudo respaldam a arquitetura biofílica como vetor de melhora na saúde mental humana (através de iluminação, ventilação, plantas, formas, etc.) (NICOLAU, 2021. p.26).

Os benefícios da arquitetura biofílica são inúmeros, dentre eles a promoção do bem-estar é o que mais é levado em consideração para a construção de um ambiente com este conceito, tendo em visto que, a ligação do ser humano com a natureza tem impactos positivos para a melhora de especificidades de cada indivíduo, como o aumento de produtividade e da criatividade (BRANDÃO, 2021).

Ainda de acordo com Nicolau (2021) existem diversos exemplos de arquitetura que são produzidas a partir de abordagens biofílicas que podem trazer aos ambientes interações positivas entre o ser humano e a natureza. Desse modo, a arquitetura biofílica se trata de uma junção de movimentos existentes, com foco

34

direto nesta interação, homem-natureza, em ambientes tanto residenciais quanto empresariais e áreas de livre acesso e lazer.

Outras vertentes da arquitetura biofílica surgiram com o decorrer do tempo nas edificações e projetos de construções, priorizando o baixo impacto ambiental e alto nível sustentável e renovável, visando à preocupação com a economia dos resíduos sólidos e aproveitamento da água pluvial, dentre outras estratégias.

2.6 Conforto Ambiental

A arquitetura é responsável pela intermediação da compreensão do clima urbano e dos seus microclimas formando assim, os ambientes urbanos cuja percepção está no seu entorno. Dispondo de um conjunto de aspectos que precisam concordar com o espaço urbano para melhor desenvolvimento do ambiente. (MASCARÓ; MASCARÓ, 2009). Nesse aspecto o conforto ambiental se tornou cada vez mais necessário e presente, para o aprimoramento da qualidade de vida das pessoas.

Entende-se por conforto ambiental o conjunto de ações que em conjunto visam permitir o estado de bem-estar do ser humano, tendo o sistema sensorial como ferramenta para identificar se as características presentes em determinados ambientes oferecem o conforto ambiental. Estas características ou estratégias se concentram na possibilidade de oferecer conforto dentro de algumas perspectivas como; boas condições térmicas, lumínicas e acústicas que satisfaçam as necessidades humanas através de técnicas passivas no ambiente construído

(VIANA, 2018).

Nas palavras de Lamberts, Dutra e Pereira (2013, p. 43), o conforto ambiental “pode ser entendido como um conjunto de condições ambientais que permitem ao ser humano sentir bem-estar térmico, visual, acústico e antropométrico, além de garantir a qualidade do ar e o conforto olfativo”.

Desse modo, para o indivíduo, quanto menor for o esforço de adaptação a um ambiente, maior será seu conforto. No que diz respeito à eficiência energética, esta pode ser entendida como uma qualidade da edificação que representa seu potencial em oferecer conforto ambiental aos indivíduos e ao mesmo tempo otimizar seu consumo de recursos e energia (BORTOLI; VILLA, 2020).

35

O conforto ambiental pode ser compreendido como um conjunto de condições ambientais que possibilitam ao ser humano sentir bem-estar térmico, visual, acústico e antropométrico, obtendo boa qualidade do ar e conforto olfativo. Mesmo com suas características biológicas parecidas em todo o mundo, o clima diferente de cada região os faz se adaptarem por meio de mecanismos culturais como a arquitetura, tecnologias e a vestimenta (SANTOS, 2021. p. 47).

Segundo Corbella e Corner (2011), o conforto ambiental abrange os confortos térmico, acústico e visual ou lumínico e é determinado pela sensação de bem-estar do usuário que não deve perceber nenhum incômodo em relação ao ambiente. Além disso, o conforto ambiental ainda precisa ser um ambiente que possa proporcionar condições adequadas à realização das diversas atividades humanas como o estudo, o trabalho, o descanso e outras.

Um campo de estudo geralmente associado a estes conceitos é o da Arquitetura Bioclimática, o qual defende que os projetistas de edificações e de planejamento urbano considerem as condições naturais do local (clima, luz, vento, vegetação e topografia) no desenvolvimento do projeto. Esta busca assegura o conforto ambiental pela associação de um conjunto de condições ambientais que proporcionam a sensação de bem-estar térmico, visual, acústico e antropométrico (SHIBATA, 2020. p. 21).

Ainda sobre o conceito de conforto ambiental, ele pode ser considerado o estado físico de satisfação proporcionado por um espaço ao ser humano nele inserido, sendo capaz de agregar as diversas variáveis ambientais e ergonômicas sentidas pelo usuário no ambiente construído, como o conforto higrotérmico, o

conforto luminoso, o conforto acústico, a qualidade do ar, o conforto olfativo e os aspectos antropométricos (FORMIGA, 2018).

De acordo com Santos (2021) um conjunto de agentes pode influenciar no conforto ambiental, podendo ser internos e externos, naturais ou artificiais. Assim, relacionado ao conforto ambiental, podemos destacar as edificações, já que esta matéria tem constado frequentemente nas discussões de congressos que estudam sobre ambiente construído. Isso se dá porque esse conforto pode ser entendido como uma adequação ao uso do homem e o aprimoramento na qualidade de vida das pessoas.

Além disso, de acordo com Soares et al (2013) a estrutura física do lugar, atrelado ao um bom nível de iluminação, nível adequado de ruído e temperatura

36

confortável, estabelece critérios na hora de escolha de um local para o hábito de se exercitar. Deste ponto de vista, fica claro que diversos fatores influenciam no conforto ambiental das edificações, que leva em consideração diversos fatores, como estética, praticidade e saúde.

Nesse sentido, essas variáveis físicas contribuem para a manutenção do bem-estar do indivíduo que habita aquele espaço, fazendo com que alguma mudança brusca nessas qualidades altere completamente o humor e o prazer desse agente tendo como consequência a vontade de não permanecer ali.

2.6.1 Conforto Térmico

De acordo com Romero (2018) o conforto térmico diz respeito a temperatura proporcionando pelo ambiente, permitindo o equilíbrio entre as temperaturas quentes e frias. As estratégias do conforto térmico devem permitir um ambiente termicamente confortável, sem que haja a necessidade de uma termoregulação do ambiente por meio de mecanismos externos.

De acordo com Ruas,

O conforto térmico está estritamente relacionado com o equilíbrio térmico do corpo humano e esse equilíbrio é influenciado por fatores ambientais e pessoais. Assim, há ambientes em que as condições são favoráveis ao equilíbrio térmico do corpo humano e o homem sente-se bem disposto (RUAS, 1999, p. 10).

De forma concreta o conforto térmico em um ambiente pode se dividir em frios e quentes, sendo as frias caracterizadas por ambientes que proporcionam perdas de calor do corpo além das necessárias para a manutenção de sua temperatura interna constante e o quente compreende condições de trocas de calor mais intensas entre o organismo e o ambiente com adição de perda de calor neste processo (DALVITE, 2007).

A criação de um exterior eficiente é um dos elementos que precisam ser considerados no conforto térmico. O revestimento de um edifício funciona como um filtro entre o clima exterior e o ambiente interno, visando estabilizar o ambiente interno. O gerenciamento adequado do revestimento tem como consequência um ambiente interno bem equilibrado e reduz o uso de sistemas mecânicos,

37

contribuindo para uma estrutura mais sustentável. É essencial considerar o seguinte ao projetar: Isolamento, Ganho Solar, Inércia Térmica e Ventilação de Ar (BARBOSA, 2010).

A Norma Brasileira relacionada ao desempenho de edificações habitacionais, também trata do conforto térmico, e observa o comportamento em uso dos elementos e sistemas do edifício no atendimento dos requisitos dos usuários, estabelecendo uma série de recomendações técnico-construtivas em função das características de desempenho térmico (transmitância térmica, capacidade térmica, absorvância) que devem ter as vedações (paredes e coberturas) das edificações, assim como a necessidade ou não de sombreamento e porcentagem de área de aberturas em relação ao ambiente, em função da zona bioclimática em que está inserido o projeto (ABNT NBR 15575/2013).

O gerenciamento dos parâmetros do envelopamento de um edifício pode afetar muito o ambiente térmico interno, garantindo altos níveis de isolamento em ambas as áreas, opacas e envidraçadas, reduz o ganho de calor nas estações quentes e conserva o calor durante as estações frias.

De acordo com Barbosa (2010) os elementos do conforto térmico reagem ao ambiente externo, e pode garantir dessa forma que o interior permaneça mais frio - ou mais quente, dependendo da localização e necessidade - por um período mais longo.

A escolha do tipo de índice de conforto térmico deve estar

relacionada com as condições ambientais, atividade desenvolvida pelo usuário e pela importância do aspecto do conforto. Existem muitos índices, mas, para aplicação às condições ambientais como edifícios nas condições climáticas brasileiras eles apresentam: Temperatura Efetiva, de Yaglou e Houghthen; Índice de Conforto Equatorial, de Webb, e a Carta Bioclimática, de Olgyay (SANTOS, 2021. p. 49).

De acordo com Shibata (2020) a percepção térmica do espaço é determinada por seis variáveis fundamentais; sendo elas, quatro ambientais e duas individuais. Para ele, a temperatura do ar, temperatura radiante, umidade relativa e velocidade do ar (variáveis ambientais), combinadas à temperatura metabólica do indivíduo aliada ao vestuário (variáveis individuais), fornecem parâmetros que podem influenciar a resposta subjetiva em relação ao ambiente, atuando diretamente sobre o bem-estar e a saúde do usuário.

38

Nesse sentido, o conforto térmico está relacionado à condição em que o usuário expressa maior satisfação com o ambiente em que está inserido, por consequência da temperatura da pele e a transpiração estão dentro de parâmetros aceitáveis e o balanço das trocas de calor do corpo é nulo.

2.6.2 Conforto Lumínico

As condições lumínicas dos ambientes correspondem a uma das características básicas de conforto, com um papel fundamental nas atividades cotidianas, possibilitando uma percepção visual dos espaços e do objeto foco da atenção (DALVITE, 2007).

De acordo com NBR-5413 (1992) que estabelece os níveis de iluminância médios ideais para diferentes atividades, a qualidade de iluminação de um ambiente implica em uma série de fatores que podem influenciar na qualidade de vida e trabalho do indivíduo, bem como na produção de produtos.

[...] trabalhos desenvolvidos relativos a recomendações de iluminação de ambientes relacionadas ao conforto lumínico ficam restritos, em geral, à análise dos efeitos da luz na visão, com recomendações relacionadas à manutenção da iluminância horizontal na superfície de trabalho e adjacências bem como limitação e/ou prevenção de ofuscamentos, de acordo com as

métricas de cálculos de iluminância prescritos nas diversas normas correntes, por exemplo, a NBR 15.215 (ABNT, 2005) em território nacional (SHIBATA, 2020. p. 26).

Os efeitos da iluminação observados nos ambientes possibilitam um conforto no que diz respeito à variação de cor, de efeitos da luz na visão e no meio ambiente.

Com relação ao conforto visual, o bem-estar está relacionado com ver bem. Ter um bom nível de luz para a tarefa que se deseja realizar é condição necessária, e existem normas para diversas tarefas, para diferentes idades dos que realizam as tarefas para diferentes precisões das tarefas, e para ambientes diversos. Porém, não é suficiente satisfazer os níveis de iluminação ditados pelas normas. Também é preciso que não haja ofuscamento, nem grandes contrastes, pois estes levam ao desconforto ou ao cansaço visual. Uma boa distribuição da luz no ambiente é conveniente, e têm importância as cores das superfícies do local (CORBELLA; YANNAS, 2003, p. 37).

39

Segundo Bonates, Pereira e Silva (2016), outro fator que influencia no conforto lumínico são as variáveis que compreendem as ações humanas ligadas à iluminação. Levando em consideração os fatores relacionados à persistência visual, ao qual inclui o campo de visão e aquilo que o olho é capaz de ver, a arquitetura passou a desenvolver estratégias para contribuir com a ampliação da iluminação de espaços, com a inserção, por exemplo, de materiais de revestimento, das cores utilizadas, da disposição da forma arquitetônica, do tipo de fechamento utilizado, entre outros.

Não basta apenas aplicar grandes janelas, aberturas zenitais, instalar iluminação artificial em busca apenas de cumprir determinação de luminância adequada. Precisa-se entender o espaço, por meio da atividade e configuração geométrica, por exemplo, e buscar o aproveitamento máximo dos recursos naturais com complemento dos artificiais, permitindo que as pessoas vejam, se movam com segurança e desempenhem tarefas visuais de maneira eficiente, segura e precisa, sem fadiga visual e desconforto (SANTOS, 2021. p. 51).

O conforto lumínico não é necessariamente garantir a maior entrada de luz possível nos espaços internos, mas sim o seu melhor aproveitamento, o que pode significar que em alguns momentos é preciso trazer a luz para dentro e outras bloquear a luz. Todas as decisões, portanto, devem ser baseadas nas necessidades

de cada espaço e no contexto em que estão inseridos.

Nesse sentido, de acordo com Barbosa (2010) o conforto lumínico pode ser produzido através da aplicação de estratégias que possam garantir um maior conforto nos espaços internos, como por exemplo, o prolongamento dos beirais e varandas, como forma de proteger os espaços do pavimento superior.

40

3 METODOLOGIA

Inicia-se a construção desta monografia a partir de pesquisas bibliográficas, referenciais teóricos, consultas em artigos, sites, trabalhos finais de graduação e dissertações para melhor compreensão do tema moradia estudantil, assim como embasamento teórico para fundamentar, contextualizar e descrever tecnicamente o tema abordado.

Após as pesquisas, executar um levantamento de dados na UNIFACOL para entender a demanda de alunos devidamente matriculados, bem como onde residem esses estudantes e assim analisando as informações adquiridas.

Posteriormente, se faz necessário coletar dados através de entrevista online com alunos da Instituição de Ensino para obter resultado qualitativo, em seguida analisar os dados e desenvolver o programa de necessidades com base nas respostas obtidas na entrevista afim de alcançar uma solução projetual que atenda às necessidades dos diferentes tipos de usuários.

Por fim, consultar e compreender acerca das legislações vigentes do município de Vitória de Santo Antão assim como normas técnicas torna-se imprescindível para concepção do anteprojeto arquitetônico proposto neste trabalho.

41

4 ESTUDO DE CASO

A fim de compreender melhor o funcionamento de uma moradia estudantil, as demandas do programa de necessidades e as soluções adotadas por diversos arquitetos ao redor do mundo, foi realizada a análise de três projetos arquitetônicos de temas correlacionados ao deste trabalho.

O primeiro, de maior porte, está localizado na Dinamarca, o segundo no

Panamá e o terceiro em São Paulo. Ambos possuem, além dos dormitórios para estudantes, diversas áreas de convivência e relação com a natureza. Durante a análise também foi observada a disposição dos ambientes, materialidade, desenvolvimento da forma, entre diversos outros aspectos a serem apresentados abaixo.

4.1 Campus Hall

O edifício que abriga a moradia estudantil da Universidade do Sul da Dinamarca, se destaca facilmente na paisagem local, foi construído no período de 2013 a 2015 e composto por 3 blocos interligados no eixo central e possui 250 dormitórios no total. Segundo o escritório responsável pelo projeto, C.F. Moller Architects, a escolha pelo local de implantação da moradia foi guiada pelo objetivo de criar uma conexão entre o próprio campus da universidade e o Cortex Park, um parque de pesquisa e ciência existente na região.

Figura 4 - Visão do edifício a partir do térreo



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

42

4.1.1 Informações Gerais

No quadro abaixo, encontram-se as principais informações a respeito do projeto.

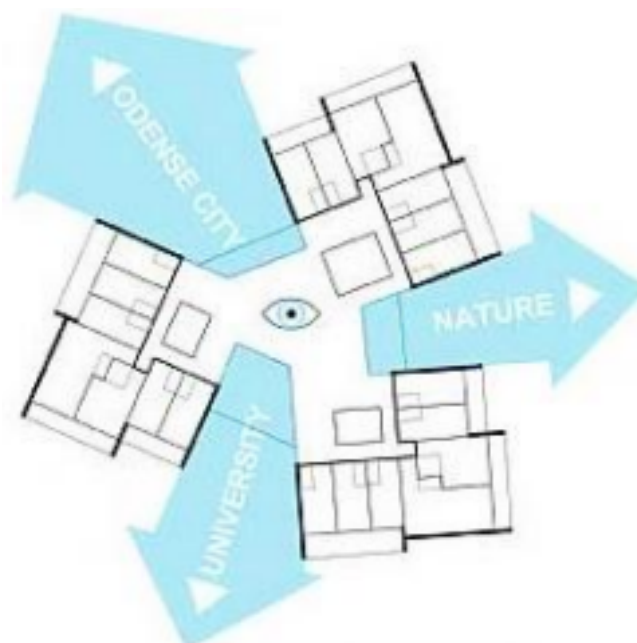
Quadro 2 - Informações sobre o Campus hall

Localização	Área do terreno	Área do projeto	Número de dormitórios
Odense, Dinamarca	15.900m ²	+20.000m ²	250

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Situado em meio a uma paisagem com agradável arborização, cada um dos 3 blocos possui 15 pavimentos e o projeto foi desenvolvido de forma a propiciar aos moradores uma vista diferente de cada bloco, sendo elas: a cidade do Odense, o parque de pesquisa e ciência e o campus da universidade (Figura 7), ao norte do projeto existe um amplo espaço aberto com algumas vagas para veículos e bicicletas, além da conexão viária com a cidade de Odense (Figura 8).

Figura 5 – Visão interna para o externo



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

Figura 6 – Visão da fachada norte do projeto



Fonte:www.cfmoller.com (2014)

4.1.2 Localização

A edificação está localizada na região sul da cidade de Odense, parte central da Dinamarca. No entorno existem outros edifícios de moradia estudantil, além de diversos espaços para atividades esportivas como quadras de vôlei e pista de corrida (Figura 7) e uma região com urbanização mais espreada e existência de mata nativa.

Figura 7 – Localização do Campus Hall

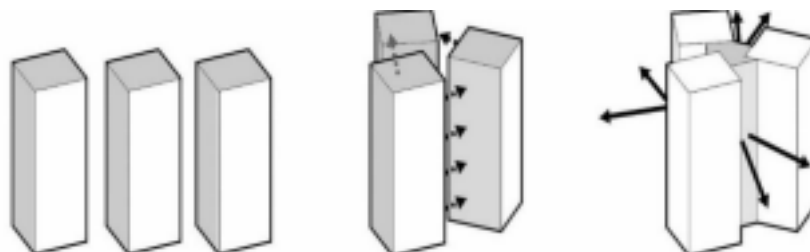


Fonte: Google Maps, editado pela autora (2021)

4.1.3 Organização Espacial

Inicia-se a análise pelo diagrama de desenvolvimento da forma, cada torre é possível observar a existência de um eixo central entre os 3 blocos, no qual existe uma área comum que liga o mesmo pavimento em ambos os blocos, demonstrada na Figura 8.

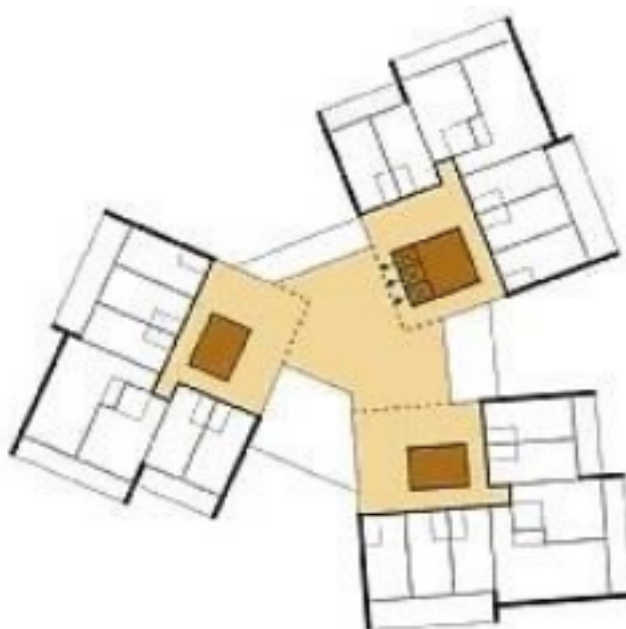
Figura 8 - Diagrama de desenvolvimento da forma



Fonte: www.cfmoller.com (2014)

Ao gerar o espaço comum entre os blocos, criou-se não apenas uma área de socialização e convivência para os usuários usufruírem, mas também delimitação de localização dos núcleos verticais compostos por 3 elevadores e 2 escadas distintas, como mostra a Figura 9 e 10.

Figura 9 - Área comum entre os blocos



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

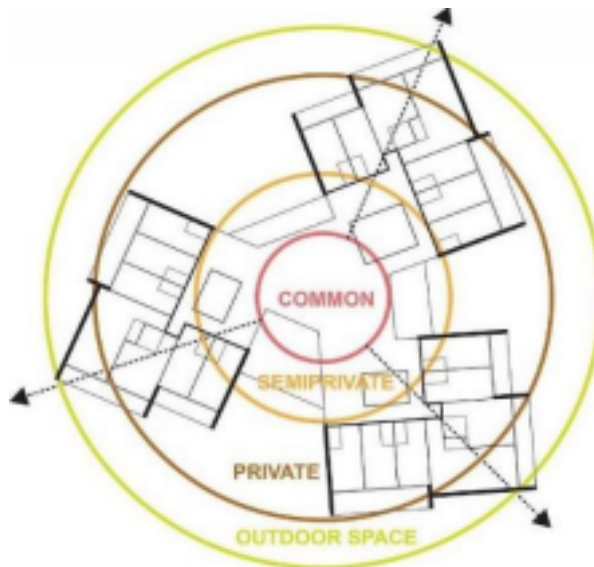
Figura 10 - Perspectiva do pavimento tipo



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

A partir do centro do pavimento, as áreas vão se tornando mais privadas conforme avança para a ponta de cada torre, como pode ser visto na Figura 11. Essa área comum também atua como hall de entrada para cada pavimento e possuem fachadas envidraçadas, proporcionando um belo visual do entorno.

Figura 11 - Diagrama sobre a hierarquia de privacidade do pavimento



Fonte: www.cfmoller.com (2014)

A área comum reforça o partido do projeto de fortalecer o espírito comunitário e socialização entre os estudantes. O espaço é constituído por uma cozinha ampla com várias superfícies para preparo (Figura 12), sala de tv sala de tv (Figura 12 b, c) e um espaço que pode atuar como espaço para refeições e espaço de estudos (Figura 12 d).

Figura 12 - Cozinha compartilhada, sala de tv e espaço para

refeições



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

O acesso aos dormitórios é feito a partir do pavimento térreo (Figura 13), o qual também conta com um café, espaços para estudos e socialização, salas administrativas.

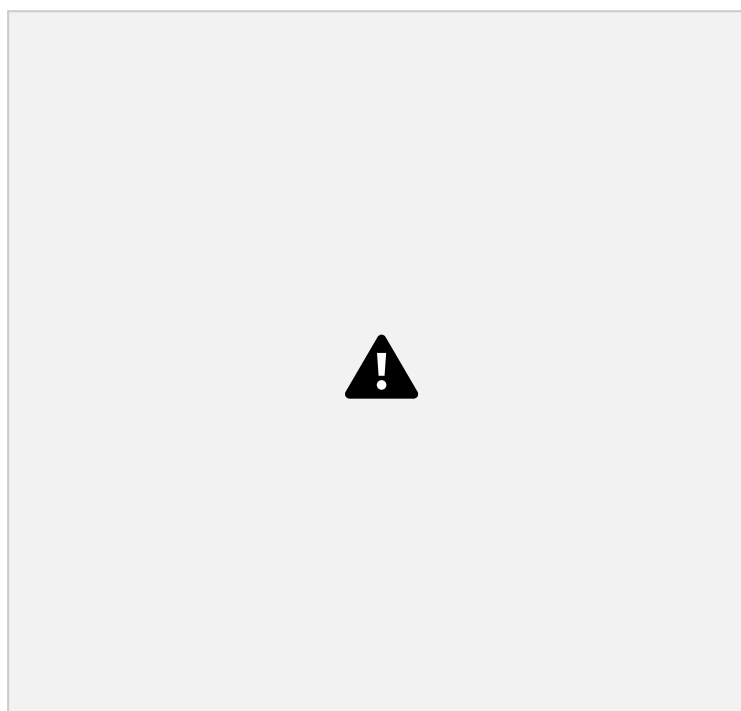
Figura 13 - Planta do pavimento térreo



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

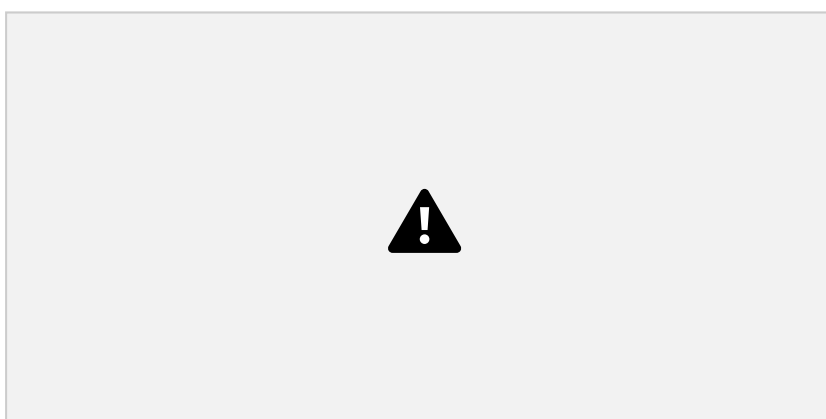
Cada pavimento possui 21 dormitórios, sendo localizados 7 em cada bloco (Figura 14). As unidades variam entre três tipologias (Figura 15), sendo que todas são compostas por um quarto e um banheiro privativo. Possui espaço, para abrigar uma pequena copa e todas tem acesso a uma pequena e agradável varanda. Todos os quartos são entregues mobiliados e o aluno também ganha da universidade uma bicicleta.

Figura 14 - Planta 2º ao 5º Pavimento



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

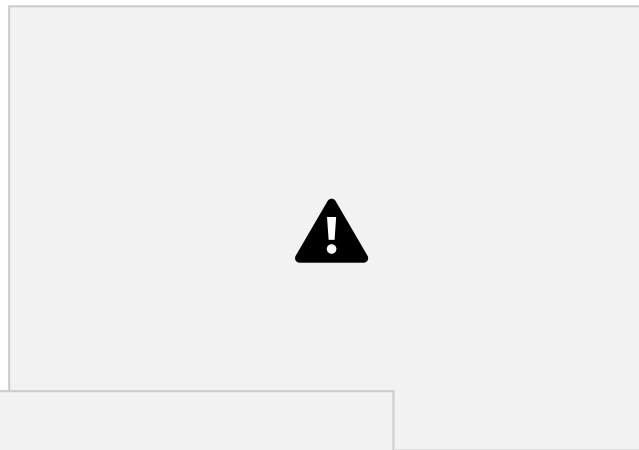
Figura 15 - Tipologias dos dormitórios



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

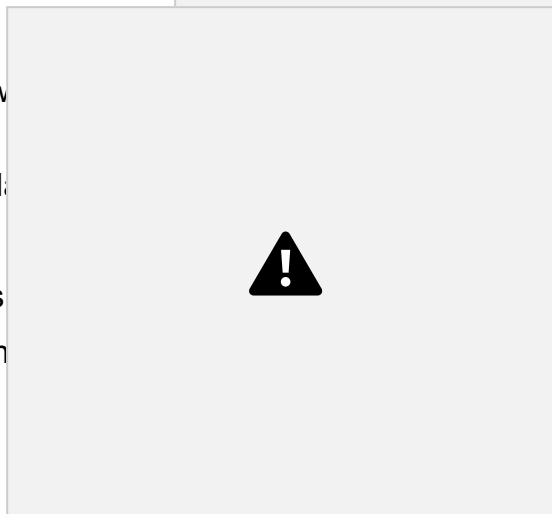
É possível visualizar o interior das diferentes tipologias dos dormitórios, nota-se o uso da madeira no mobiliário, piso e revestimentos, as amplas esquadrias e dimensionamento adequado dos ambientes a fim de atender as necessidades dos estudantes (Figura 16). Na mesma figura, observa-se a ampla área comum na tipologia de dois dormitórios, propiciando momentos de convívio e até mesmo para receber amigos e familiares.

Figura 16 - Interior do dormitório



Fonte: [www](http://www.archdaily.com.br/br)

A pla
ambientes
dormitórios
mais detalh

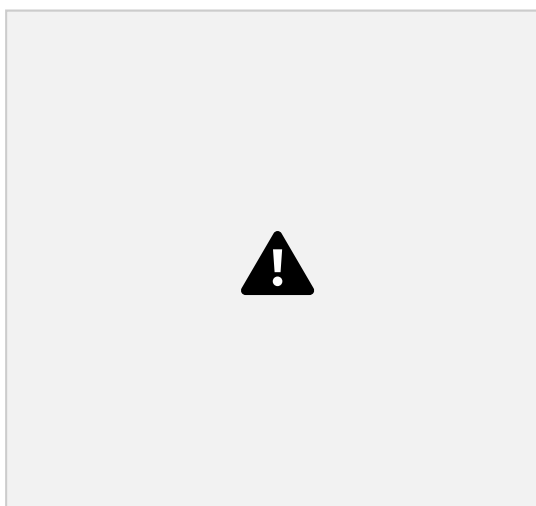


°, segue a mesma distribuição de
enas em algumas medidas dos
sto nas fachadas e explicado com
e materiais.

nto 6° ao 11°

O 12º pavimento, também segue a mesma configuração de planta possuindo apenas a adição de um terraço para uso comum e com acesso a partir da área central do edifício (Figura 18), o mesmo foi proposto para ampliar as áreas de socialização e convivência, partido central do projeto.

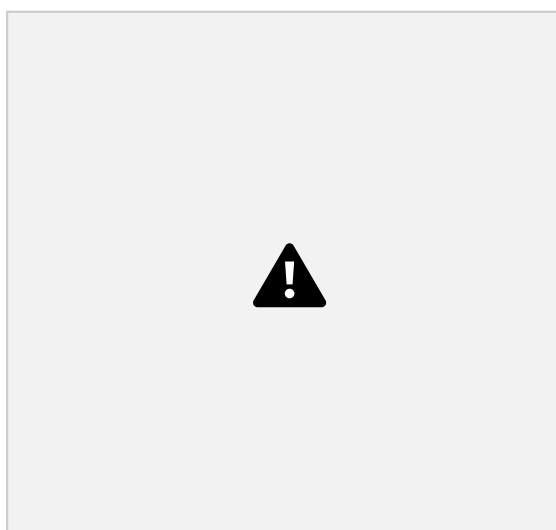
Figura 18 - Planta do pavimento 12º



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

Já no 13º pavimento é possível encontrar 2 apartamentos de 2 quartos, sendo que cada um possui suas próprias áreas de convívio e preparo de refeições. Existe ainda duas áreas comuns de estudos e convivência, além de dois terraços similares ao que ocorre no 12º pavimento (Figura 19).

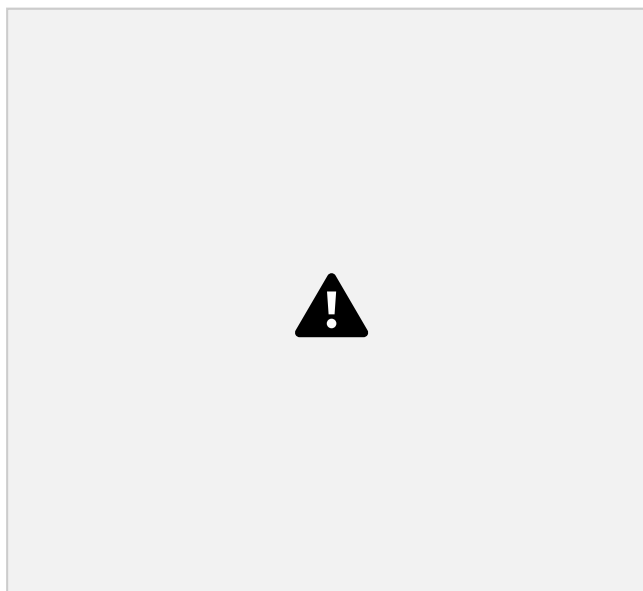
Figura 19 - Planta do pavimento 13º



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

O 14º pavimento também possui terraços para uso dos estudantes, além de abrigar algumas áreas técnicas e um espaço multiuso (Figura 20), reforçando o incentivo à socialização e compartilhamento, como ocorre por todo o edifício.

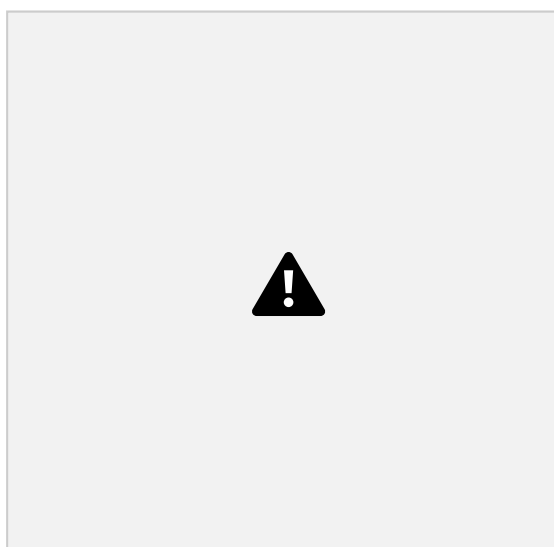
Figura 20 - Planta do pavimento 14º



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

Na planta de cobertura (Figura 21) é possível verificar a existência de diversas áreas técnicas assim como a relação de cheios e vazios ocasionada pela rotação dos blocos e a existência dos terraços e recuos.

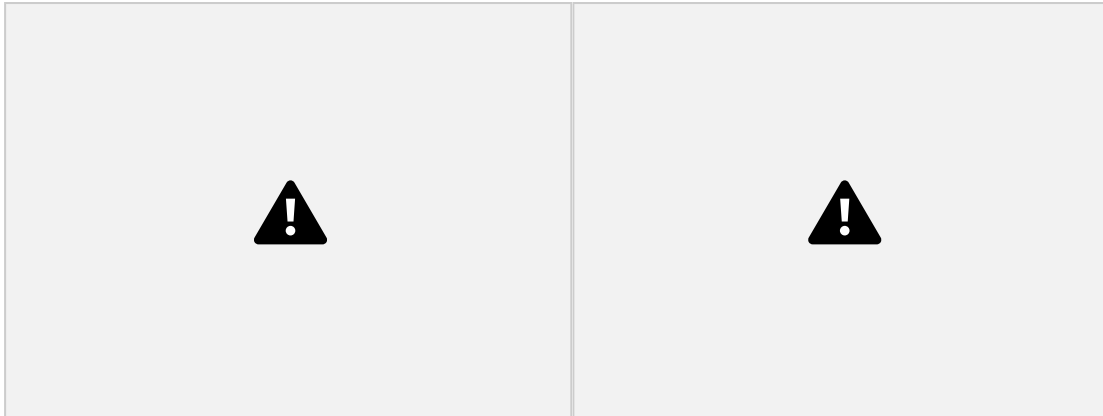
Figura 21 - Planta de cobertura



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

Nos diversos pavimentos e na cobertura, existem áreas comuns como espaço para estudos e festas além de terraços jardins (Figura 22). O edifício foi projetado para consumir pouca energia. O projeto prioriza a iluminação e ventilação natural, além de ter isolamento térmico, utilização recursos de recuperação de calor a partir do ar de exaustão, águas residuais e chuveiros.

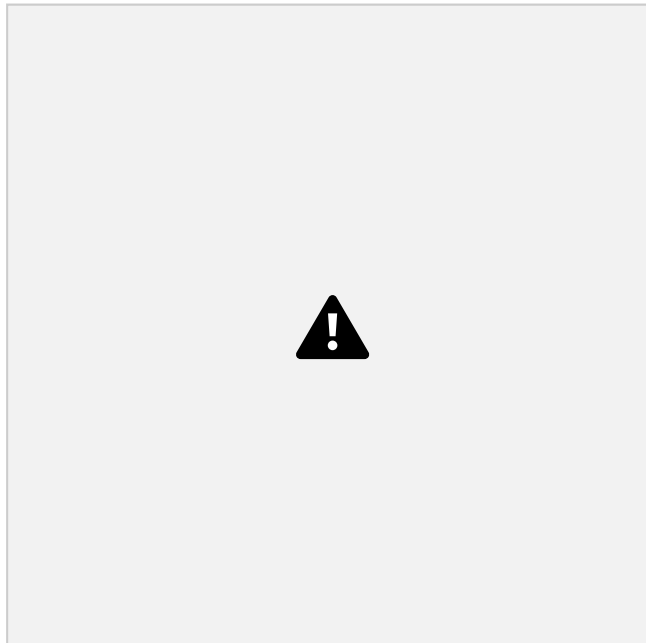
Figura 22 - Visão do Terraço jardim



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

Na figura abaixo é possível verificar a questão do alinhamento geral dos ambientes, apesar de alguns recuos, também é possível notar a relação dos pavimentos superiores atuando como áreas de socialização.

Figura 23 - Corte



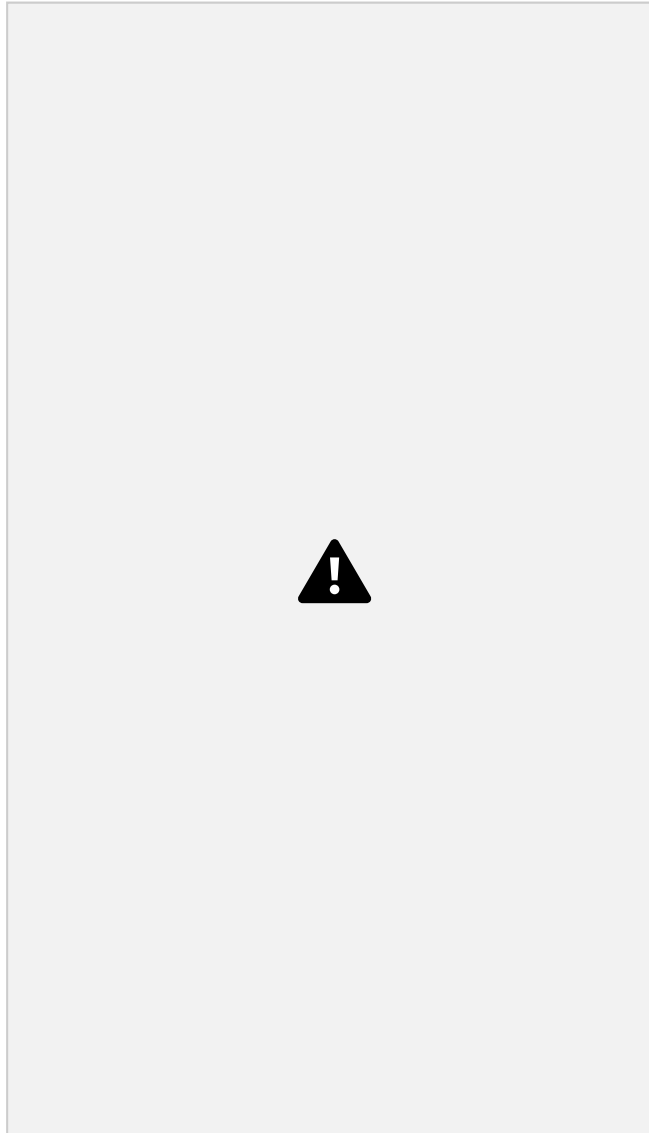
Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

52

4.1.4 Programa De Necessidades

Na tabela abaixo foi descrito o programa de necessidades do projeto, com base na análise dos desenhos técnicos. É possível perceber a existência de diversos espaços comuns de convivência e socialização, reforçando o partido do projeto de fortalecer a comunicação e vivência coletiva.

Figura 24 - Programa de necessidades



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

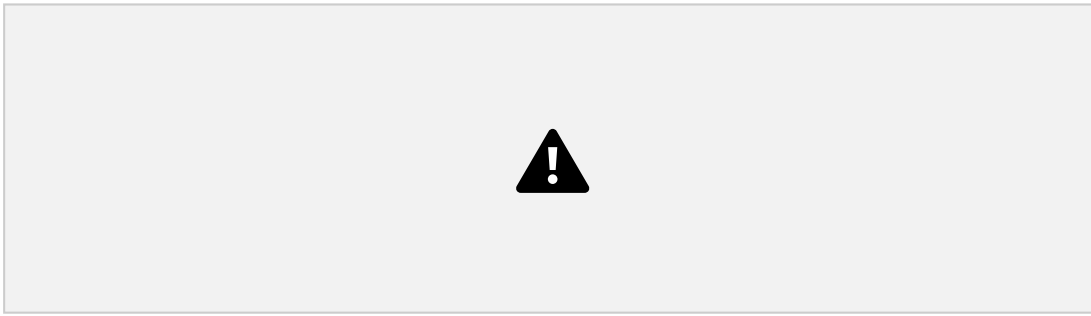
4.1.5 Plasticidade e Materiais

De acordo com o escritório responsável, o edifício não possui “frente ou trás” e suas fachadas são caracterizadas pelo dinamismo (Figura 25), é possível verificar

53

os diversos recuos e movimentos criados na fachada, a fim de quebrar a monotonia da edificação. A rotação dos blocos também deixa a implantação mais interessante e as varandas atuam como molduras para as próprias esquadrias.

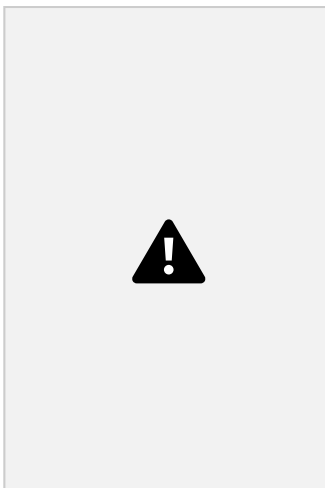
Figura 25 - Programa de necessidades



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

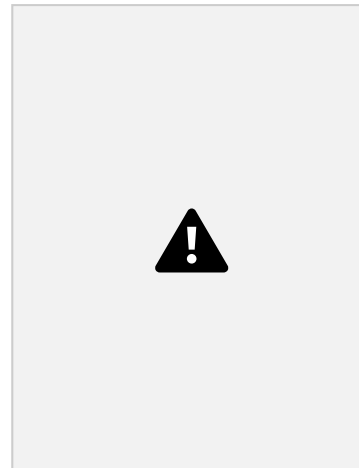
As varandas dos quartos também funcionam como elemento de sombreamento e nelas são utilizados perfis de madeira nas esquadrias, no interior do edifício as paredes são de concreto aparente e ocorre o uso de madeira (Figuras 26 e 27).

Figura 26 - Fachada



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

**Figura 27 - Varanda do
dormitório**



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2016)

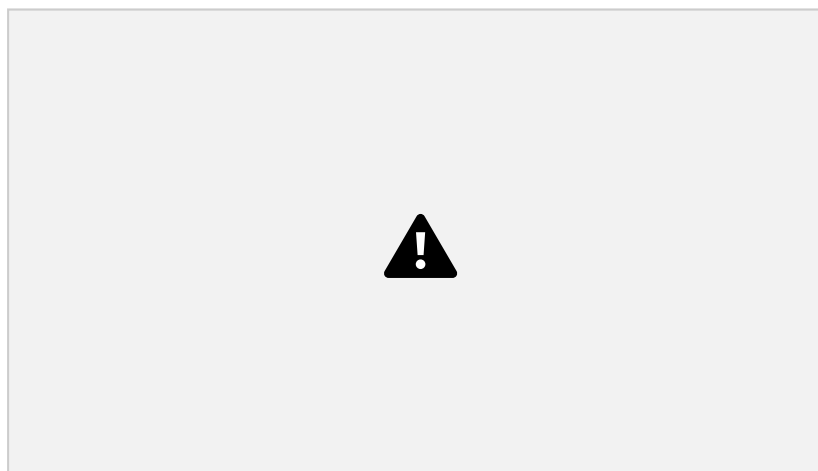
A edificação se destaca quando comparada aos edifícios do entorno por conta da altura e forma, a materialidade e plasticidade obtida fazem com que a edificação se destaque em meio a paisagem e sua forma fluida e orgânica, o que torna facilmente reconhecido.

4.2 Alojamento Estudantil na Cidade do Saber

O projeto a seguir foi desenvolvido no concurso internacional “Propuestas de diseño para edificios em La Ciudad Del Saber” (Figura 28) por um escritório de

arquitetura de São Paulo composto pelos arquitetos Eduardo Crafig, Fábio Kassai, Juliana Garcias e Márcio Henrique Guarnieri. A Cidade do Saber é uma área que promove o conhecimento e está localizada em uma base militar americana.

Figura 28 - Visão do edifício a partir do térreo



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

4.2.1 Informações Gerais

No quadro abaixo, encontram-se as principais informações a respeito do projeto.

Quadro 3 - Informações sobre o Alojamento Estudantil na Cidade do Saber

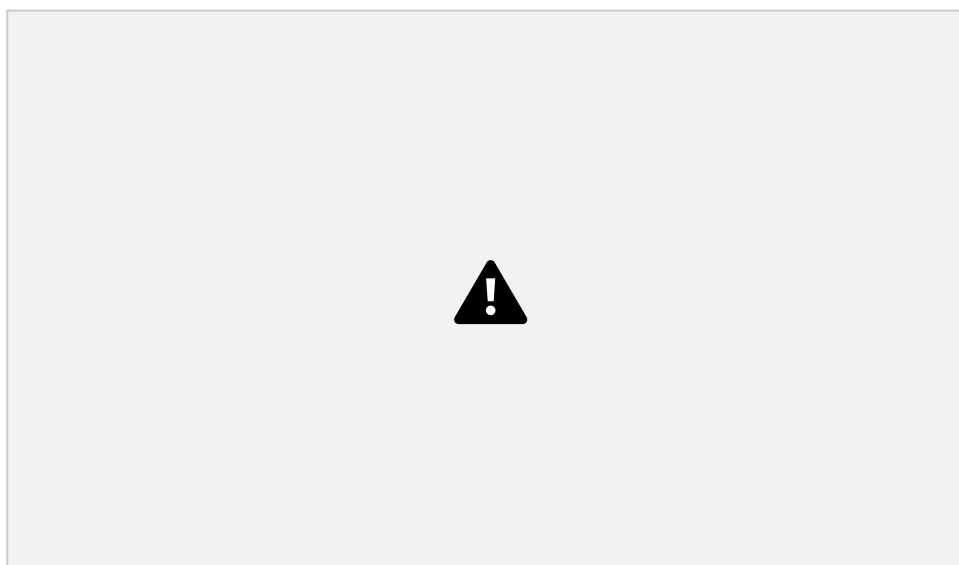
Cidade do Panamá, Panamá	7.000m ²	4.378m ² + 4.461m ²	200

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As condicionantes do terreno e solicitações do cliente funcionaram como as próprias diretrizes arquitetônicas para o desenvolvimento do projeto, foi solicitado ao escritório que o projeto fosse pensado para uma construção em etapas, sendo duas

no total. A distância entre os blocos foi pensada de forma a preservar a maior parte da vegetação existente no terreno, além de reforçar uma permeabilidade física e visual ocorrendo por meio dos jardins. Uma característica marcante do projeto e a volumetria rigorosa em formato de caixa (Figura 29), comum no modernismo.

Figura 29 - Visão da fachada do projeto

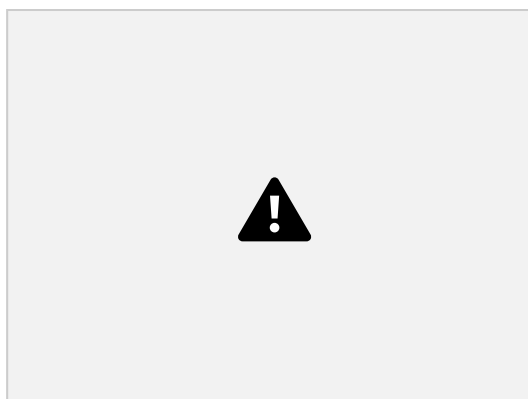


Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

4.2.1 Localização

O projeto está localizado na região oeste da Cidade do Panamá, localizada na parte nordeste da Panamá (Figura 30). O entorno imediato é marcado pela presença do importante Canal do Panamá e uma área denominada como “Cidade do Saber” por conta das inúmeras edificações relacionadas à promoção do conhecimento e educação existentes.

Figura 30 - Localização do Alojamento Estudantil na Cidade do Saber

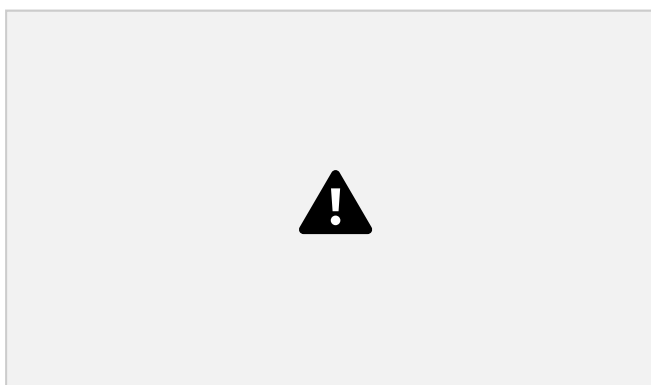


Fonte: Google Earth, 2021. (Editado pela autora)

4.2.2 Organização Espacial

A implantação dos 9 blocos de alojamento, paralelos entre si, ocorre no sentido transversal do terreno, indo de nordeste a sudoeste. Todos os blocos são conectados por uma circulação comum, paralela à rua (Figura 31). O desenho de implantação conversa com a circulação de pedestres prevista no “Plan Maestro” da Cidade do Saber. Essas áreas propiciam um uso de espaço público, reunião, socialização e acesso para os pavimentos acima, o espaço entre os blocos é de aproximadamente 15 metros e gera permeabilidade, também funciona como praça.

Figura 31 - Perspectiva da implantação



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

Na primeira fase um total de 8 blocos foram entregues (Figura 31), contabilizando 16 pavimentos, sendo 2 em cada bloco e obtêm-se um total de 200 quartos locados nas duas faces. No pavimento térreo os pilotis trazem mais qualidade espacial dos blocos e atuam como se fossem um alargamento da própria calçada. (Figura 32).

Figura 32 - Planta do pavimento térreo

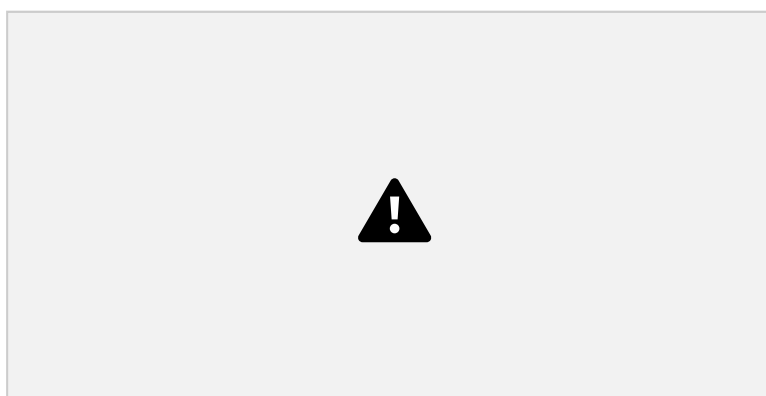
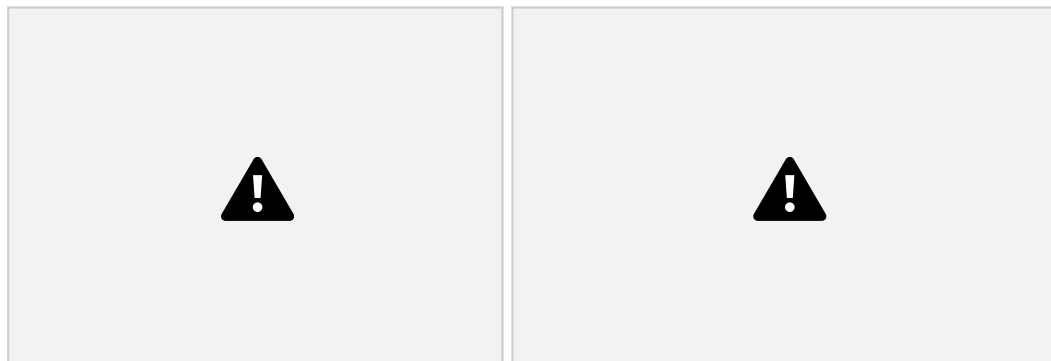


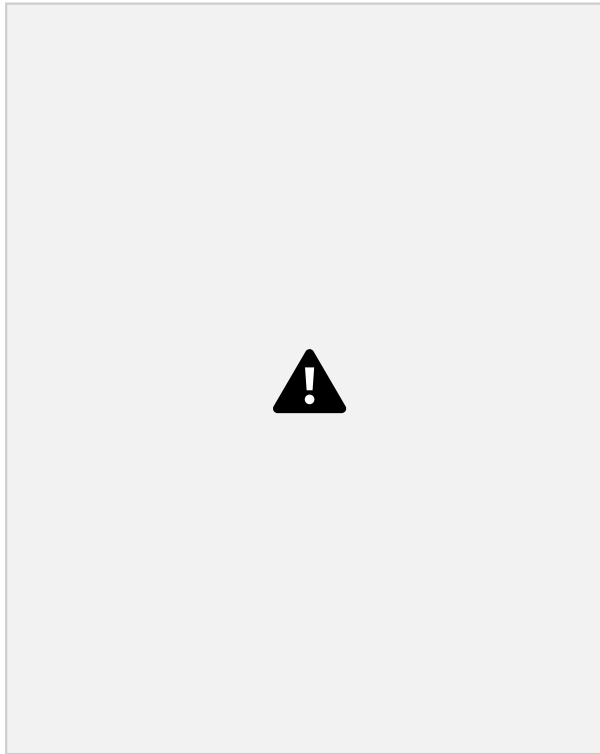
Figura 33 - Pavimento térreo com pilotis



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

A fim de garantir acessibilidade, além das escadas, existe também um conjunto de elevadores (Figura 34). Nos pavimentos superiores, além dos alojamentos, também existem áreas de copa, depósito e um espaço flexível que comporta desde reuniões até momentos de permanência. A vegetação presente no projeto é nativa, sendo boa parte já existente no próprio terreno. O porte das espécies adotado e mantido no paisagismo contribui para fortalecer a escala humana do projeto e contribui para amenizar as condições climáticas, além de contribuir para redução do estresse comum em pessoas em fases acadêmicas.

Figura 34 - Perspectiva da implantação

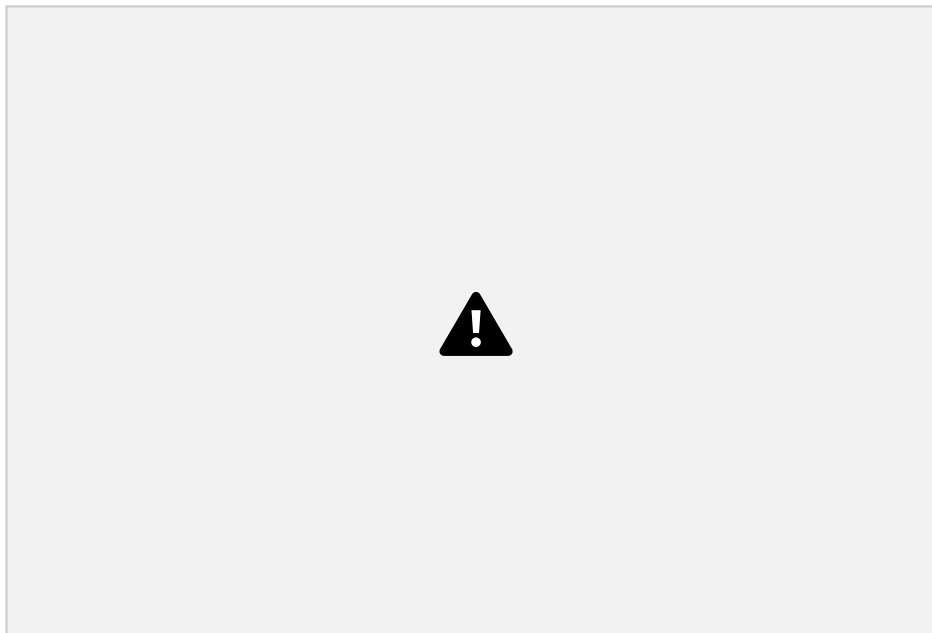


Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

58

Os quartos abrem-se para varandas protegidas por brises compostos por grandes painéis móveis de chapa perfurada e que possuem a mesma altura do pé direito (Figura 35).

Figura 35 - Perspectiva

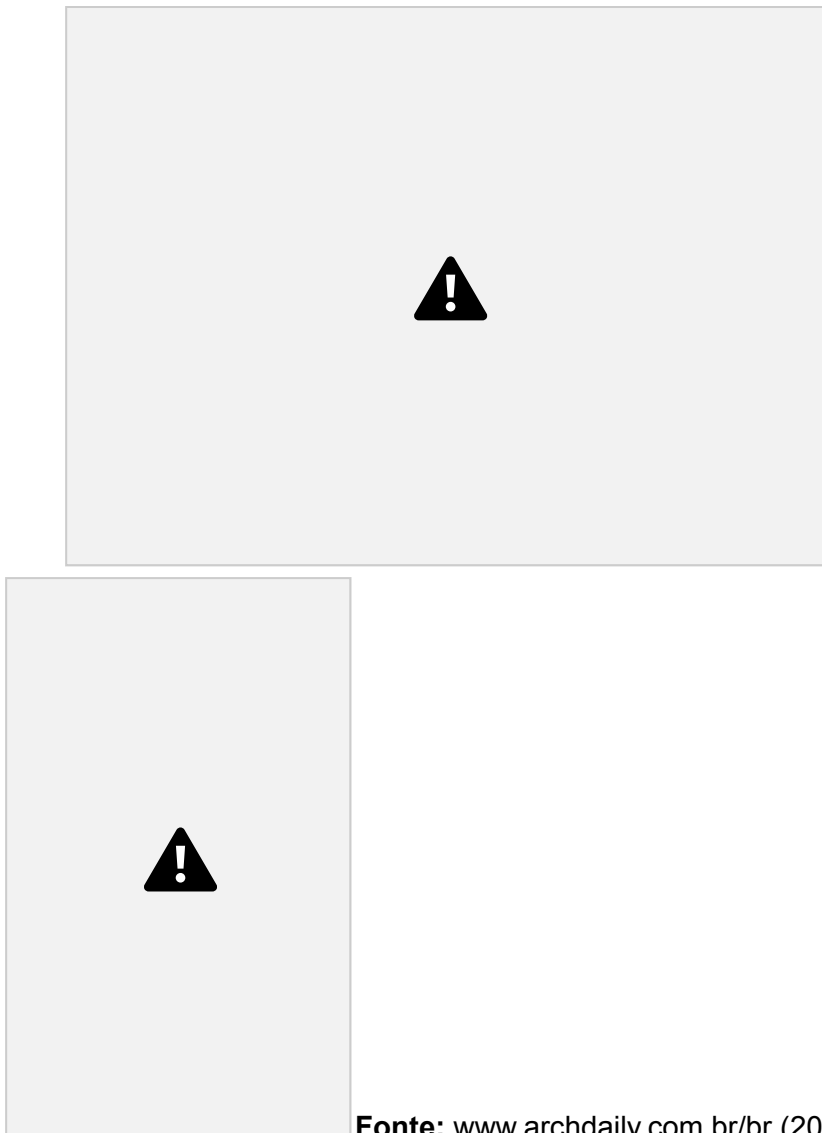


Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

O tamanho e layout do quarto foi pensado de forma a atender as funções

básicas de dormir e estudos (Figura 36), sendo as outras necessidades como alimentação e socialização atendidas pelas áreas comuns.

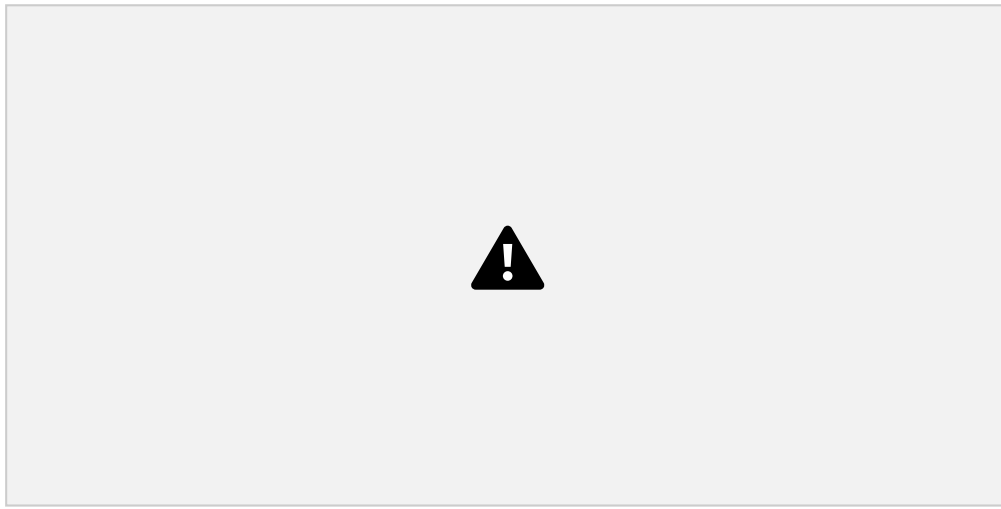
Figura 36 - Visão interna do dormitório



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

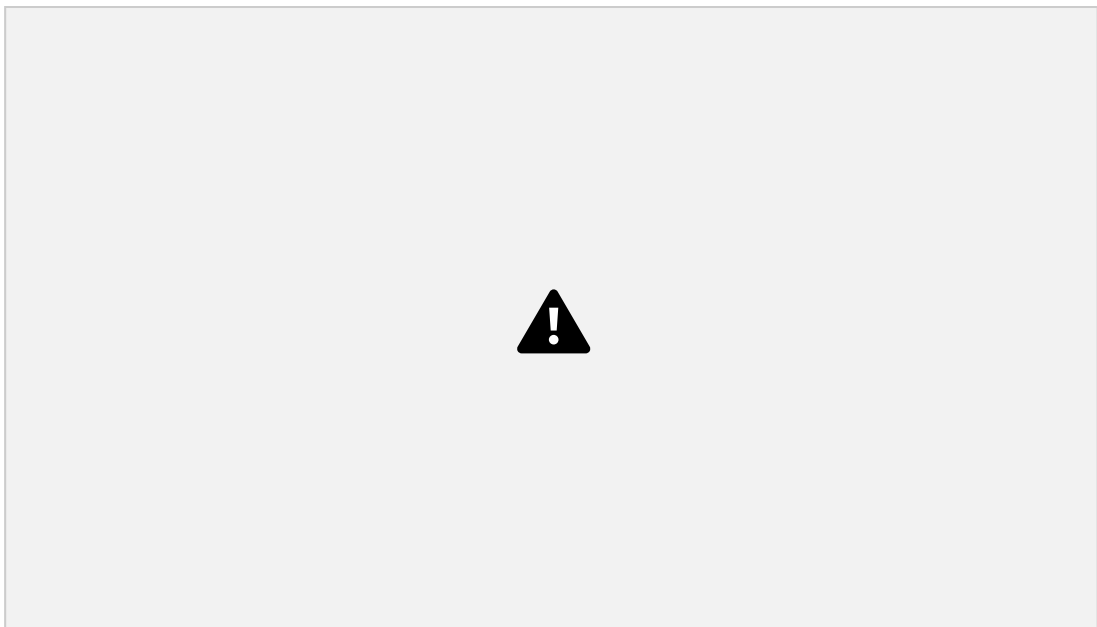
Nos desenhos apresentados abaixo (Figura 37), representando a planta do pavimento térreo e superior, corte e elevação, é possível notar a relação constante dos ambientes internos com externos, além da modulação regular que organiza os espaços de forma lógica e com ótimo aproveitamento do terreno.

Figura 37 - Desenhos técnicos fase



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

Figura 38 - Desenhos técnicos fase



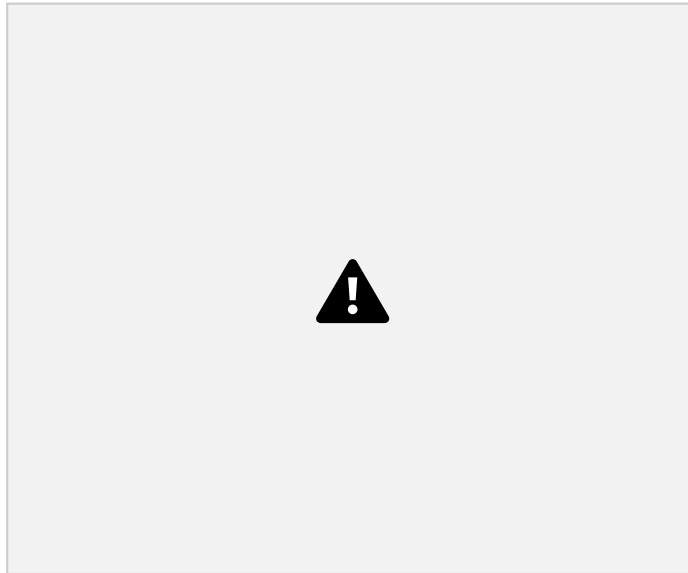
Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

Tanto nos cortes como nas elevações (Figura 39) é possível notar a escala humana do projeto, que reforça a sensação de pertencimento ao local do usuário e

60

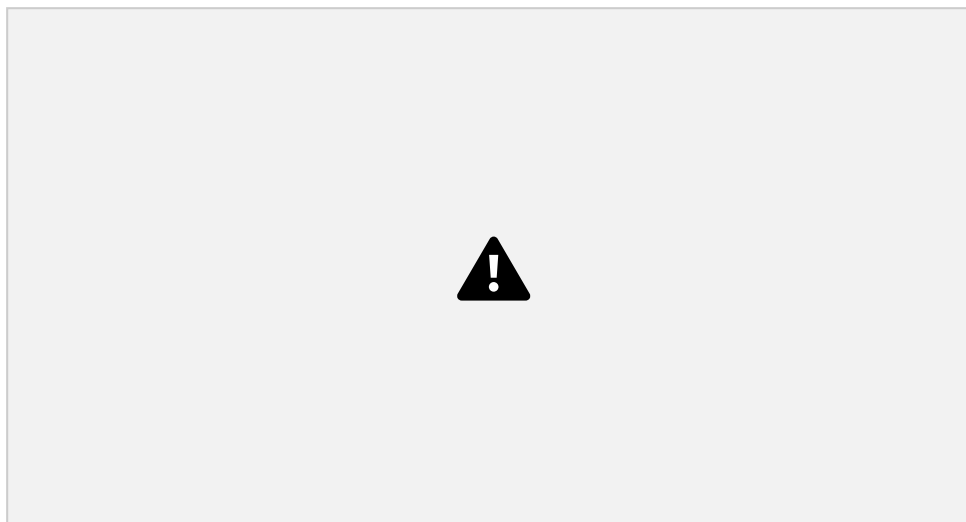
o aspecto semelhante a uma casa. É possível verificar, também, a localização da malha estrutural, o pé-direito simples nos ambientes e a proporção dos espaços com a figura humana.

Figura 39 - Corte



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

Figura 40 - Corte



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014).

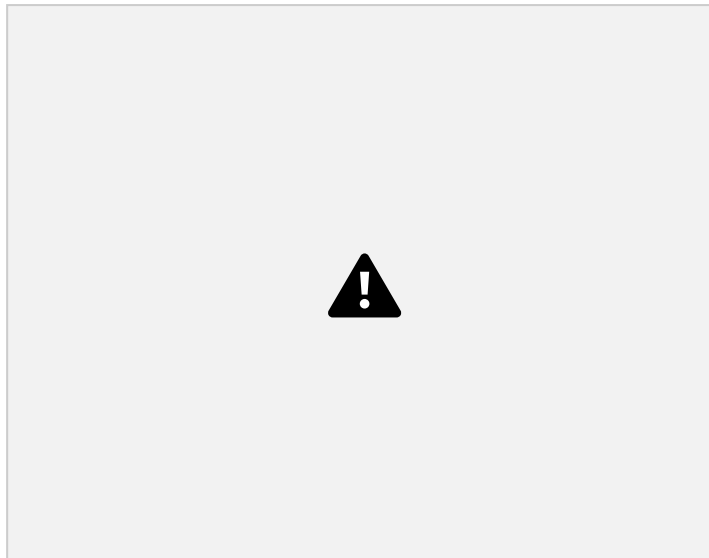
4.2.3 Programa de Necessidades

Na tabela abaixo foi descrito o programa de necessidades do projeto, com base na análise dos desenhos técnicos. É possível notar que as áreas comuns ficam

61

todas locadas no pavimento térreo, facilitando o acesso e atuando como hall de entrada.

Figura 41 - Tabela do programa de necessidades

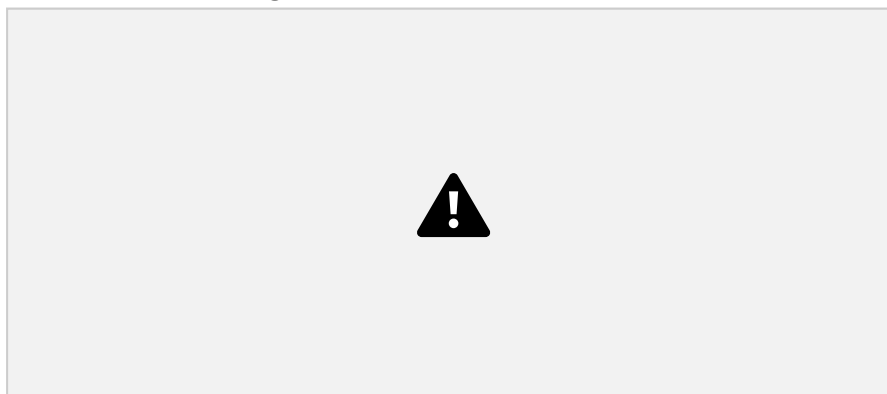


Fonte: Elaborado pela autora (2021)

4.2.4 Plasticidade e Materiais

O projeto está localizado em uma área de clima equatorial, similar ao encontrado na Floresta Amazônica. A fim de minimizar as condições de altos índices pluviométricos, ganho de calor nas edificações e alta umidade relativa do ar, a equipe de arquitetura adotou soluções como a própria implantação que, com a liberação da circulação em um volume separado, otimizou a ventilação nos espaços de permanência e ventilação natural, os acabamentos utilizados são delicados e a fachada voltada para a rua (Figura 42) possui um desenho contínuo e uniforme.

Figura 42 - Materiais na fachada

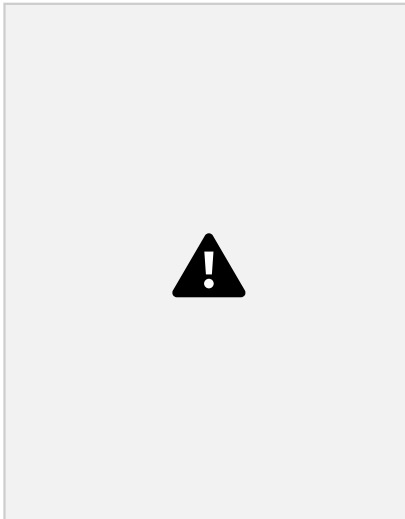


Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

Os blocos possuem estrutura em concreto armado, moldado 'in loco' com vãos de 7,50 x 3,60 m e dois balanços de 2,50 m. A laje é maciça, armada em apenas uma direção, já a circulação é em estrutura metálica, mas com a mesma

modulação dos blocos e foram utilizadas vigas metálicas a fim de vencer os grandes vãos. As esquadrias são em alumínio, assim como as chapas perfuradas que atuam como brises (Figura 43). Apesar de ser uma obra extensa, o projeto mantém uma escala humana, tornando agradável a experiência de circular pelos blocos e morar nos alojamentos e propiciando a sensação de um acolhimento quase que doméstico.

Figura 43 - Vista externa através dos vazios da fachada



Fonte: www.archdaily.com.br/br (2014)

4.3 Conjunto Residencial Da Usp – Crusp

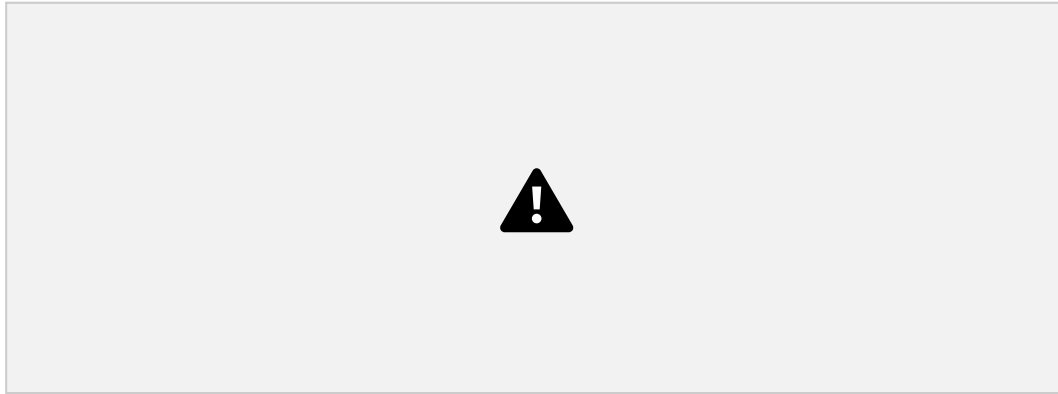
A partir da implantação da Cidade Universitária surge a necessidade de se construir um alojamento para atender a alta demanda de estudantes frequentadores do centro universitário, portanto em atendimento as exigências do Fundo de Construção da Cidade Universitária, na década de 60 iniciou-se o processo de licitação para elaboração de um projeto de moradia estudantil denominado CRUSP, que antes de abrigar aproximadamente 2000 estudantes da universidade, serviria de apoio como alojamento dos atletas dos jogos Pan-americanos de 1963.

Sendo assim em 1963, o governo estadual liberou parte dos recursos para a construção de seis blocos projetados para o CRUSP, estes serviriam para alojar os atletas antes de serem destinados aos alunos. A construção iniciou-se em março de

63

1962 e 6 blocos foram inaugurados em maio de 1963, como também um restaurante, para o evento esportivo.

Figura 44 - Vista área do Crusp



Fonte: <https://imagens.usp.br/escolas-f>

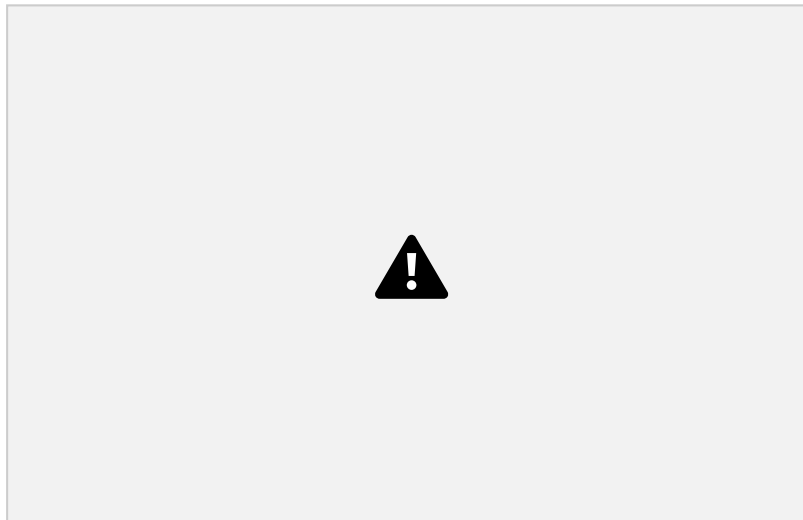
4.3.1 Informações Gerais

Idealizado para oferecer moradia para estudantes que frequentam a universidade da USP para os diversos cursos, locais e culturas, o conjunto habitacional tem como principal característica arquitetônica o “sentido de liberdade e vivência colaborativa”, caracterizado desde sua concepção arquitetônica, que é marcada pela ampliação dos espaços de uso coletivo.

Elaborado pelos arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira e construído nos anos de 1936-1979, o projeto original previa a construção de aproximadamente 720 dormitórios distribuídos em 12 edifícios de até 9 pavimentos, de tipologia lâmina sob pilotis com térreo livre. No entanto o projeto construído possui 540 dormitórios e apenas 9 edifícios de tipologia lâmina sob pilotis, a área de projeto e construída não foram informadas. Os blocos habitacionais estão implantados ao longo de um eixo de circulação central de pedestres, que conecta os edifícios desenhando amplos espaços para permanência e vivência coletiva servidos de áreas ajardinadas como mostra no diagrama abaixo.

“Tiveram os arquitetos a preocupação de oferecer aos estudantes a possibilidade de se locomoverem, a pé, protegidos contra o sol e a chuva e sem cruzarem com veículos, em toda a área do setor residencial.” (ACRÓPOLE, nº. 303, p. 95, 1964).

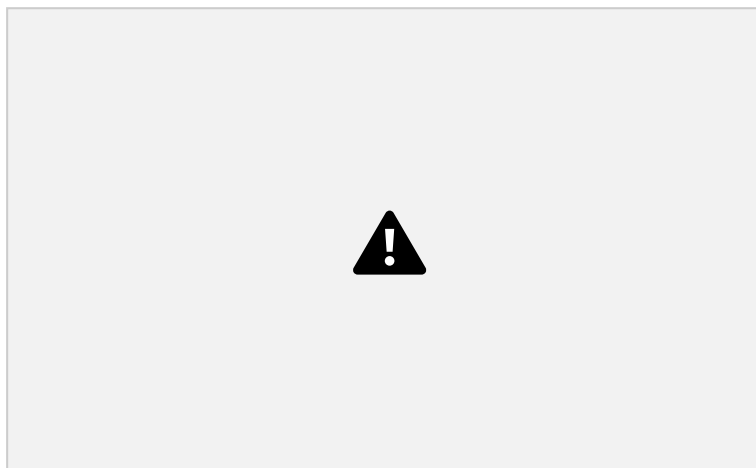
Figura 45 - Diagrama de implantação do Crusp em 1963



Fonte: Vitruvius (2002).

Devido à crise econômica de 1962 a 1967 e às mudanças políticas no Brasil a partir de 1964, a complementação dos blocos G, H, I, J, K e L do CRUSP ficou paralisada durante anos e os estudantes que já habitavam os blocos A, B, C, D, E e F foram expulsos. Com isso os blocos do conjunto habitacional passaram a servir a outras finalidades e algumas das estruturas inacabadas foram demolidas. E atualmente os blocos A, A1 (recém-construído) B, D E e F destinados aos alunos de graduação e os blocos C e G destinados aos alunos de pós-graduação, K e L para parte administrativa.

Figura 46 - Vista aérea do Crusp, implantação dos blocos habitacionais,



Fonte: Mapio.Net (Diagrama alterado pela autora)

Desde a década de 60 com a crise econômica, aos anos 2000, o projeto idealizado do CRUSP passou por diversas gestões, fator que proporcionou diversas

modificações no projeto, sendo implantado diferentemente do projeto original.

Neste período crítico de mudanças, surgiram inúmeras propostas de uso e modificações, alguns edifícios que compunham o conjunto de alojamento foram demolidos para dar lugar a vias de circulação, outros tiveram seus usos modificados, houve também a construção de uma casa de caldeiras, lavanderia coletiva. Restando apenas nove edifícios, dos doze previstos no projeto original, sendo eles os blocos A, B, C, D, E, F e G como moradia estudantil e os blocos K e L que abrigam a Reitoria e órgãos administrativos do campus.

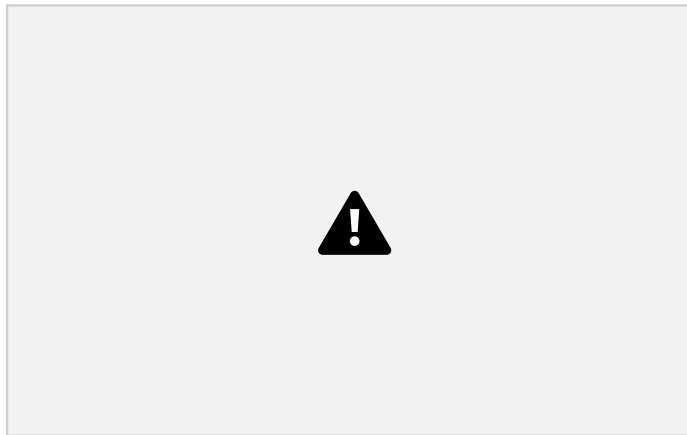
As áreas ajardinadas entre os blocos do CRUSP também foram ocupadas por construções não previstas no projeto original, algumas sem qualquer vínculo com a moradia estudantil fator que colaborou para a degradação e descaracterização, gerando um espaço estéril.

“(…) as novas edificações foram de um modo geral implantadas sem respeito pelo conjunto e pelos espaços – em suma sem muito critério de projeto. Novas construções continuam a ser implantadas, refletindo não existir uma política diretriz para a evolução e preservação do conjunto, ou para uma qualificação espacial através de acréscimos e sobreposições de usos com planejamento (…).” (MONTENEGRO, 2007: pg.159-160).

Apesar de, “A Coordenadoria do Espaço Físico da USP propõe que o CRUSP seja recuperado em sua proposta original (anos 1960), mas adequando-o às mudanças que a sociedade brasileira e a Universidade de São Paulo apresentaram desde então.” (CABRAL; ANGELA, 2009, p.15, grifo do autor)

4.3.2 Localização

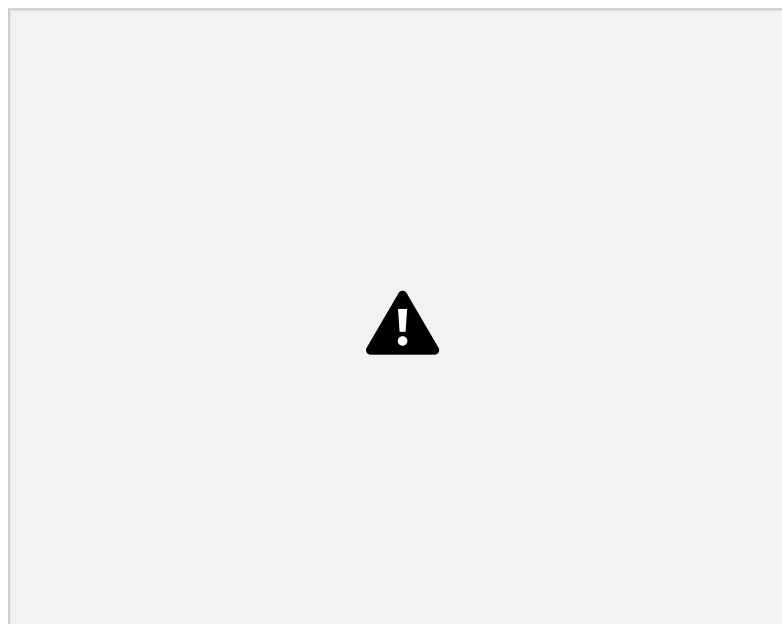
O conjunto habitacional estudantil (CRUSP) está situado no Bairro do Butantã, na capital paulista, dentro do complexo universitário da USP. No entorno existem outras instituições educacionais, institutos de pesquisas e museus, não há uma variedade de áreas para atividade de lazer, restaurantes ou equipamentos de saúde pública dentro da cidade universitária como mostra no mapa abaixo:



Fonte: Google Maps, editado pela autora (2021)

O conjunto do CRUSP está delimitado pelas vias arteriais – Av. Professor Mello Moraes e Av. Professor Luciano Gualberto, que atravessam de forma longitudinal a cidade universitária. É possível analisar que a urbanização do complexo estudantil está dentro de uma trama irregular, composta por grandes quadras que conformam lotes destinados a abrigar usos institucionais, principal tipologia de uso desta região. há algumas vias de acesso de veículos, mas boa parte do trajeto de locomoção entre os edifícios se dá por vias de uso exclusivo de pedestres, como mostra na figura abaixo:

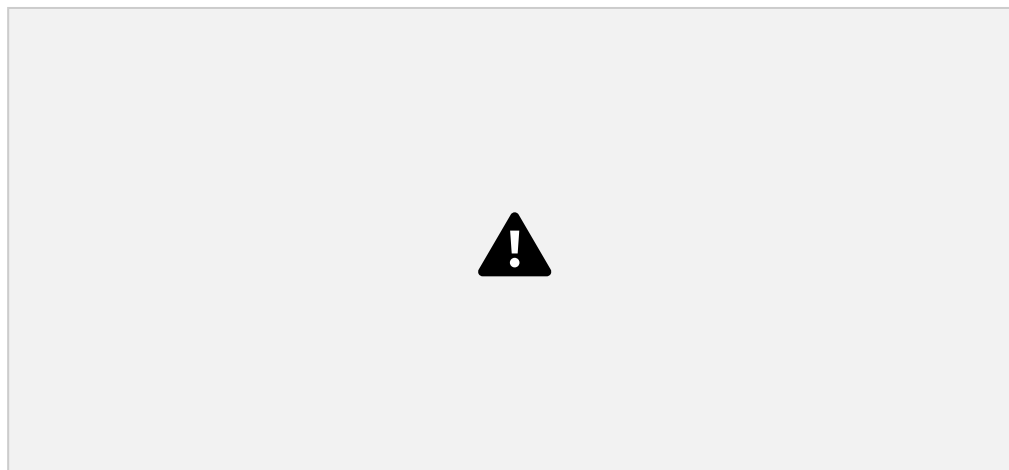
Figura 48 - Planta de situação



Fonte: Google Earth (Diagrama elaborado pela autora)

A organização espacial do conjunto habitacional estudantil se estabelece a partir do eixo de circulação central, criando edifícios de tipologia lâmina, que se conectam através do andar térreo como mostra no diagrama abaixo, o qual abriga áreas de uso coletivo, privativo e serviço.

Figura 49 - Diagrama de organização espacial



Fonte: SP PD CRUSP_-2009.pdf (Editado pela autora)

O comprimento de cada edificação é de 72,90m e 8,55m de profundidade, também entre os blocos com aproximadamente 80m há espaço com vegetação e área verde. É possível analisar que a distribuição dos edifícios no lote e sua tipologia com térreo livre sobre pilotis, proposta pelos arquitetos proporciona o contato direto as áreas ajardinadas descobertas, que se conecta com o térreo livre sob pilotis que é uma área coberta e favorece o uso coletivo destinado as mais diversas possibilidades de utilização/ocupação.

Figura 50 - Planta baixa do pavimento térreo, projeto original



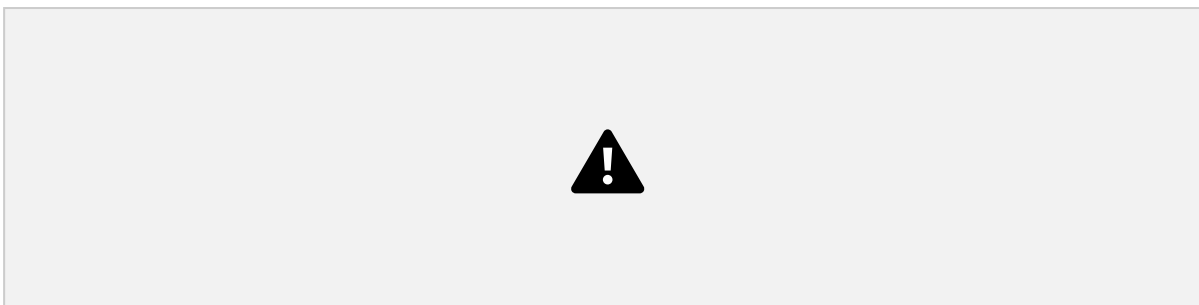
Fonte: REGINO (2006)

No projeto original, o acesso aos alojamentos se estabelece a partir da organização da circulação em dois sentidos, vertical e horizontal, sendo a vertical

composta por escada e elevador localizados na fachada do edifício o qual dão acesso aos seis pavimentos e a circulação horizontal através de um corredor retilíneo que determina o acesso aos quartos.

A copa em cada andar era destinada ao consumo de refeições leves, pois foi construído um restaurante coletivo a todo o conjunto, sendo assim os alojamentos não possuem estrutura para adaptação de cozinhas e lavanderias de uso individual.

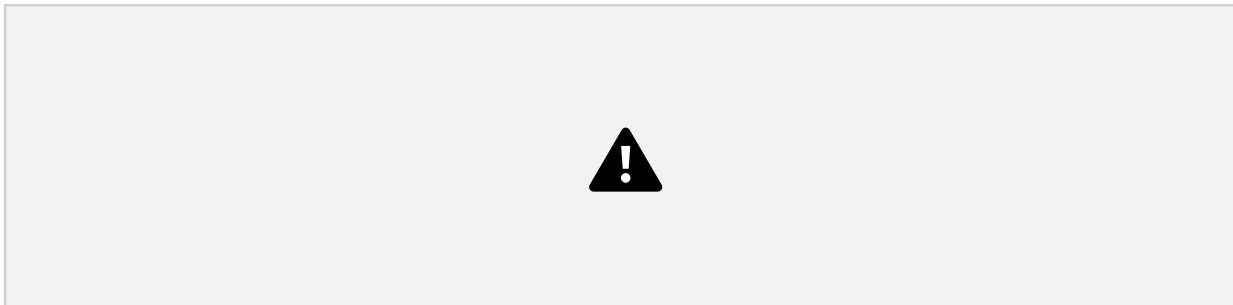
Figura 51 - Planta do pavimento tipo original



Fonte SP PD CRUSP (Diagrama elaborado pela autora)

À esquerda próximo ao bloco da escada e elevadores situa-se a enfermaria, rouparia e copa.

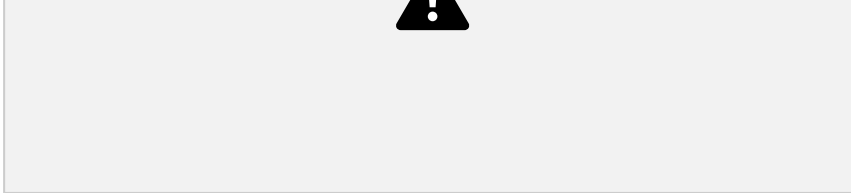
Figura 52 - Planta baixa do pavimento tipo, projeto original.



Fonte: REGINO (2006) (Diagrama elaborado pela autora)

Cada alojamento está dividido em sanitário, dois dormitórios, espaço de estudo, copa e sala de estar coletiva, o projeto também prevê a cada dois alojamentos um terraço comum que tem a função de promover convívio e ventilação.

Figura 53 - Planta da unidade de alojamento, projeto original

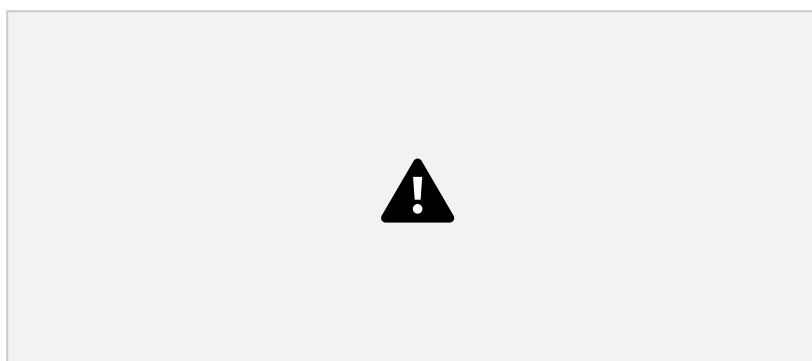


Fonte: Diagrama elaborado pela Autora

Além da atenção voltada a orientação solar dos dormitórios, próxima a norte/sul, o espaçamento entre os alojamentos permite, além de privacidade, ventilação e iluminação natural e estes espaços foram pensados para convívio e uso coletivo, como mostra na imagem abaixo:

“Aqui deveria haver bancos lugar para estar. Um jogo de voleibol, por exemplo, caberia perfeitamente aqui, jogos pequenos, de modo que o estudante vivesse isto aqui, e os outros seus colegas, das suas janelas, dos seus balcões, pudessem assistir tudo isso. (...). A nossa idéia de desencontrar os prédios (...), é de criar um ambiente maior, livre aqui, uma área de estar, de lazer, de descanso dos estudantes.”
(depoimento de Eduardo Kneese de Mello. Em: REGINO, 2006).

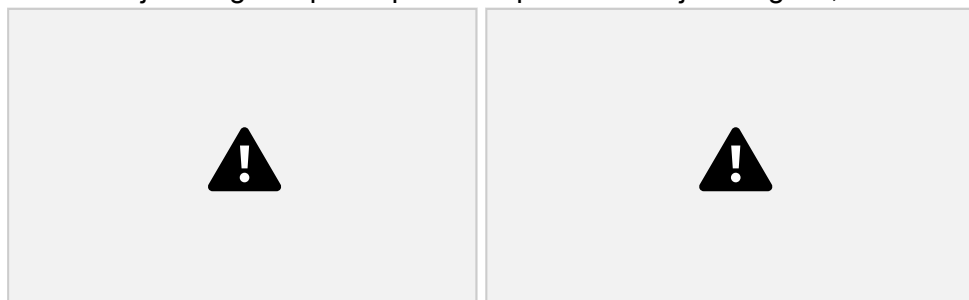
Figura 54 - Planta da distribuição das unidades de alojamento, projeto original



Fonte: Diagrama elaborado pela autora

Há 7 pavimentos nas 10 unidades habitacionais, em cada dormitório 3 estudantes e o uso do vidro nas áreas de estudo permite a vista constante para a área arborizada entre os blocos e conectando o ambiente interno com o externo.

Figura 55 - Projeto original quarto para três pessoas Projeto original, área de estudo e copa



Fonte:

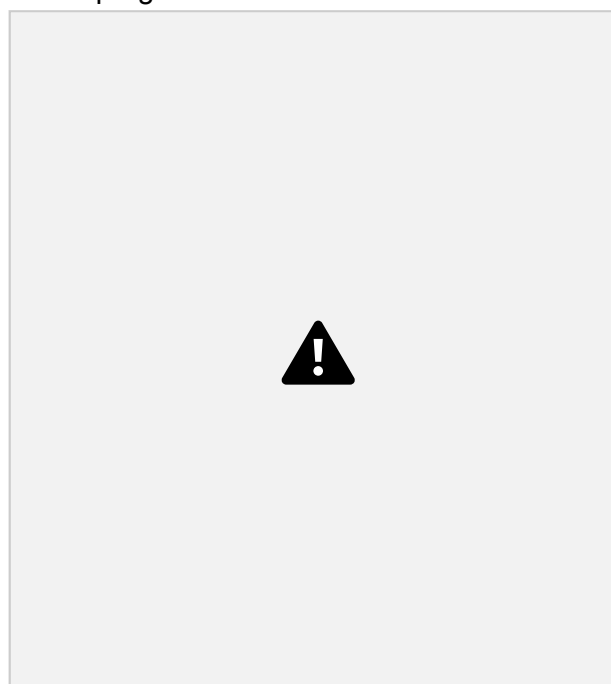
ACRÓPOLE, 1964, p.99 **Fonte:** ACRÓPOLE, 1964, p.997

É importante mencionar que estas imagens mostram o projeto original, as unidades habitacionais construídas, não possuem copa privativa e terraço coletivo nas unidades, os alojamentos foram construídos apenas com dormitório, sanitários e sala de estudos.

4.3.4 Programa de Necessidades

Cada bloco foi projetado com sessenta alojamentos tendo aproximadamente 40 metros quadrados cada apartamento. Em cada pavimento foram previstos 10 alojamentos para três estudantes cada.

Figura 56 - Tabela do programa de necessidades com base no projeto



original

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que esta análise está baseada no projeto original proposto pelos arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira, o projeto construído foi modificado e seus usos coletivos e distribuição dos espaços não estão sendo levados em consideração na construção da análise desta tabela de distribuição do programa.

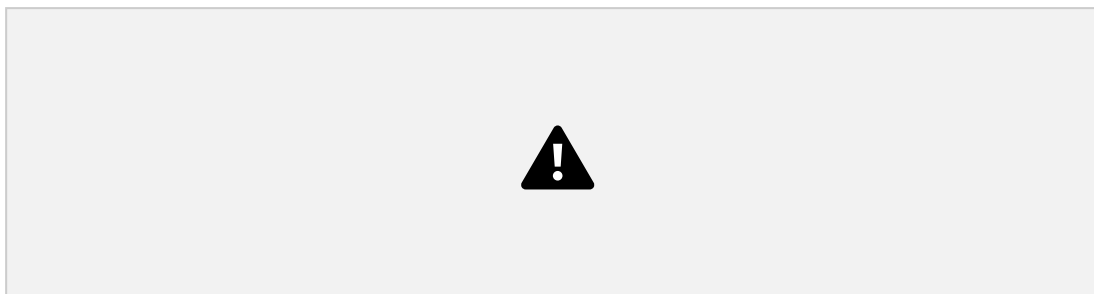
4.3.5 Plasticidade e Materiais

No projeto para o CRUSP quase todos os componentes construtivos eram de simples montagem no local, como as esquadrias das fachadas e o revestimento da circulação vertical em chapa corrugada de fibrocimento, alguns dos poucos itens executados na obra foram divisões internas e armários em madeira.

Os primeiros seis blocos do CRUSP foram executados em estrutura convencional de concreto e os restantes em estrutura pré-moldada no canteiro de obra, constituindo um dos primeiros casos de construção de grande porte executada neste sistema no Brasil.

Como mostra no diagrama abaixo, analisando a composição arquitetônica do edifício habitacional CRUSP, é notável a repetição em sua estrutura com modulações, simetrias, alinhamentos e relações proporcionais nas plantas, fachadas dos edifícios e repetições também está presente na implantação das edificações, logo apresenta como intenção principal deste mecanismo a unificação das formas no âmbito visual.

Figura 57 - Planta pavimento térreo e sua estrutura



Fonte: Diagrama estrutural elaborado pela autora.

Este conceito também está visualmente expresso na fachada dos edifícios tendo como característica principal a repetição de formas simples, criando harmonia.

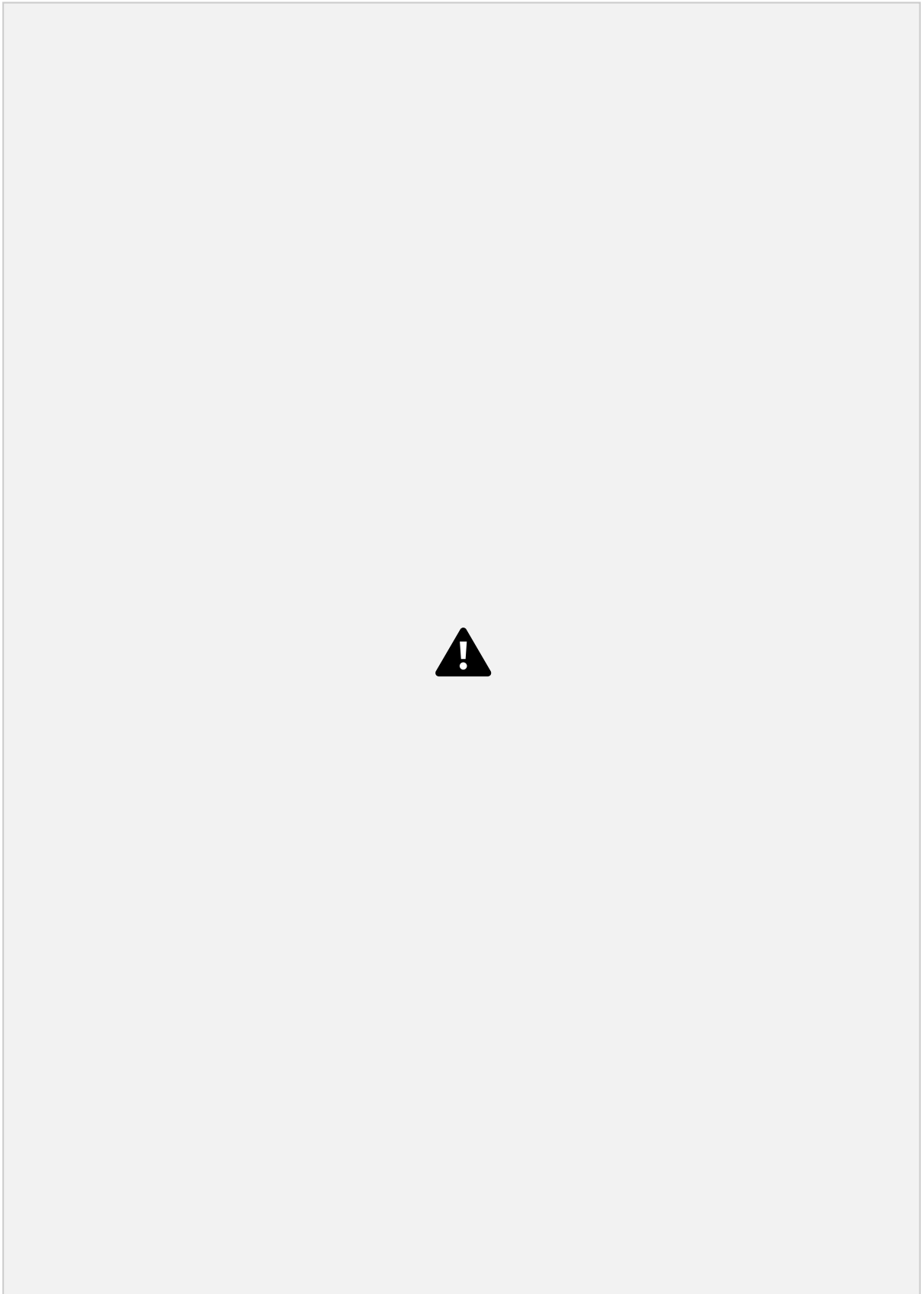
Figura 58 – Conjunto Residencial da USP

Fonte: USP CRUSP

4.4 Análise Comparativa dos Estudos de Caso

A análise comparativa foi elaborada com o intuito de apresentar um quadro resumo que mostra informações de cada projeto analisado anteriormente e será utilizado como referência projetual para o desenvolvimento da moradia estudantil em Vitória de Santo Antão, PE.

Figura 59 – Análise comparativa/ Estudo de caso



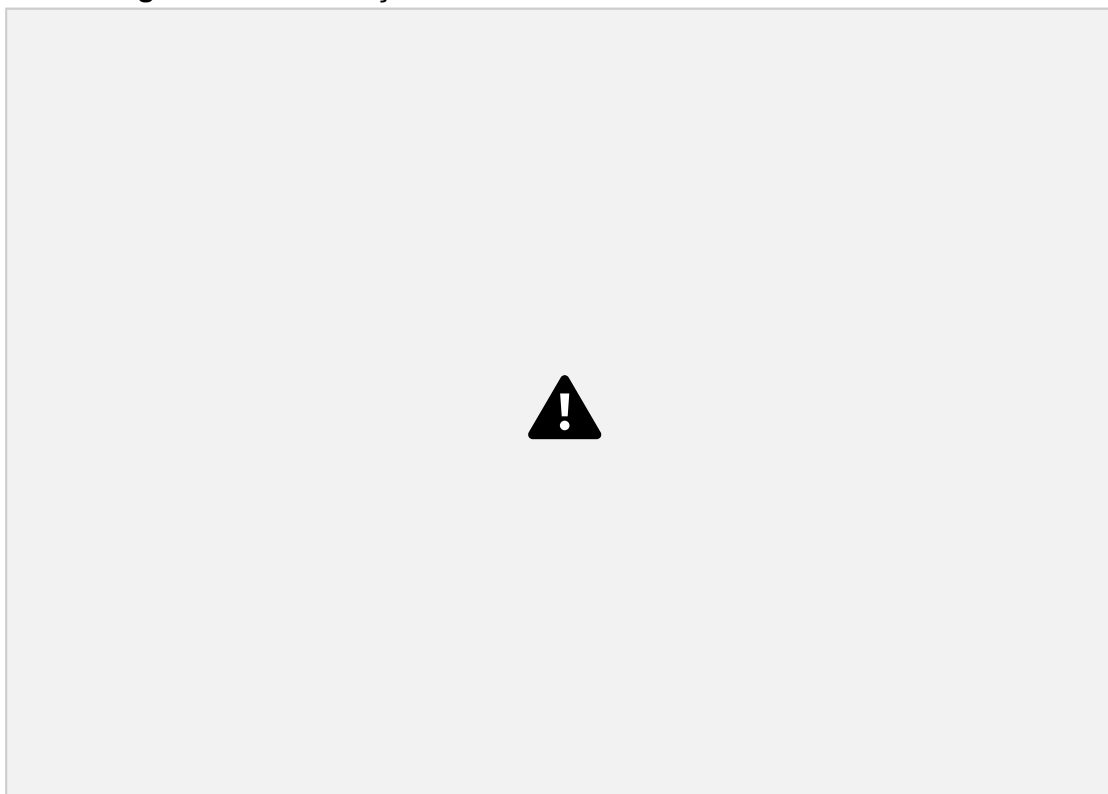
Fonte: Elaborada pela autora.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

5.1 Cidade De Vitória De Santo Antão – PE

A cidade de Vitória de Santo Antão – PE, localizada na Zona da Mata do estado, situado a 162 metros de altitude, de Vitória de Santo Antão tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 8° 6' 50" Sul, Longitude: 35° 17' 29" Oeste. O município ainda está localizado na mesorregião Mata e na Microrregião Vitória de Santo Antão do Estado de Pernambuco, limitando-se a norte com Glória do Goitá e Chã de Alegria, a sul com Primavera e Escada, a leste com Moreno, Cabo e São Lourenço da Mata, e a oeste com Pombos (IBGE/CIDADES, 2021).

Figura 60 - Localização da Cidade de Vitória de Santo Antão – PE



Fonte: Google Earth (2021). Adaptado pela autora (2021)

A cidade foi criada por Antônio Diogo de Braga, inicialmente chamada de cidade de Braga, passou a ser chamada de Santo Antão da Mata, e dedicou-se a criação de gado, tornando – se assim, na região um conjunto de fazendas criadoras de gado. Em 1843 a cidade recebeu o nome de Vitória de Santo Antão, em

homenagem a vitória dos pernambucanos contra os holandeses na batalha do monte das tabocas.

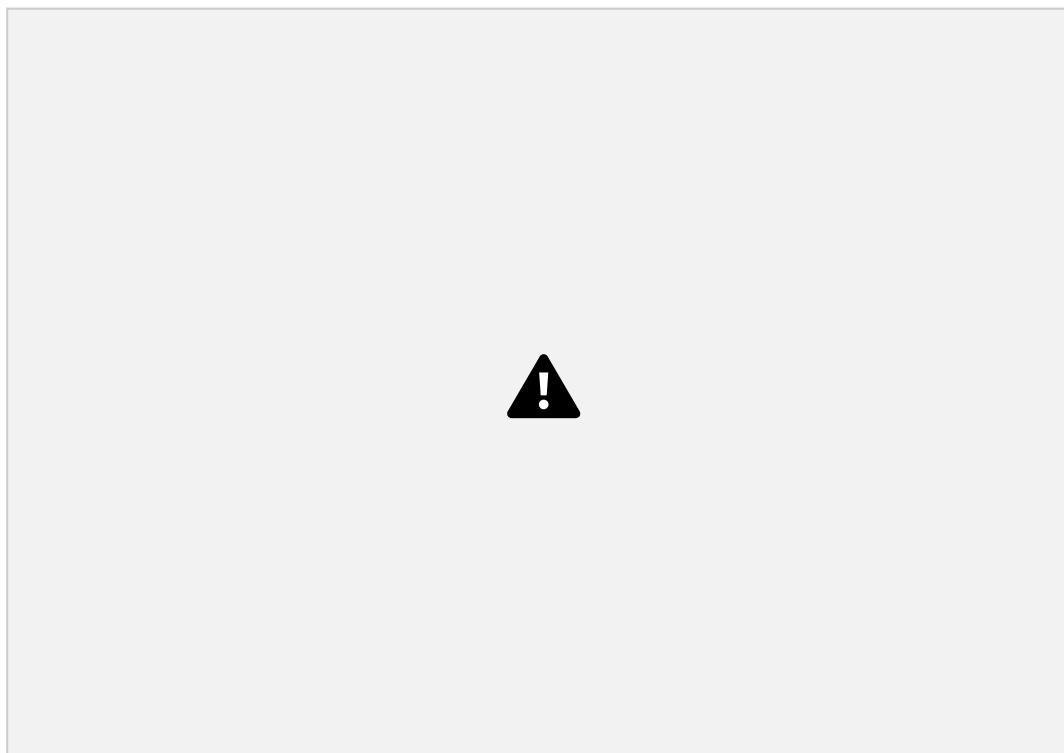
Segundo dados do censo realizado em 2010 (IBGE, 2010) possuía uma população de 129.974 habitantes, com população urbana de 87%. Atualmente a cidade conta com a população estimada em 140.389 habitantes, com densidade demográfica de 348,80 hab/km² (IBGE, 2021).

5.2 Bairro Matriz

No bairro da Matriz (Figura 61) foi observado que corresponde a uma área predominantemente comercial e uma dinâmica estruturada. A concentração de pessoas nesta área representa um potencial de grandes investimentos implantados no bairro que potencializam a dinâmica econômica da cidade.

Também apresenta uma população de maior poder aquisitivo, que com o passar do tempo passou de classe alta para classe média alta e diversas residências comerciais, que devido a sua centralidade possibilita um fluxo de pessoas de todas as classes sociais e faixa etária.

Figura 61 - Localização do Bairro da Matriz



F Fonte: Google Earth (2021). Adaptado pela autora.